Roseiral de Serralves – Proposta de Revitalização à Luz dos Princípios Formais da Primeira Metade do Séc. XX

Ana Luísa Ribeiro Fernandes Biscaia Gonzalez

Arquitectura Paisagista
Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território
2015

Orientador
Professora Cláudia Oliveira Fernandes, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Coorientador
Arquiteta Paisagista Ana Oliveira, Fundação de Serralves

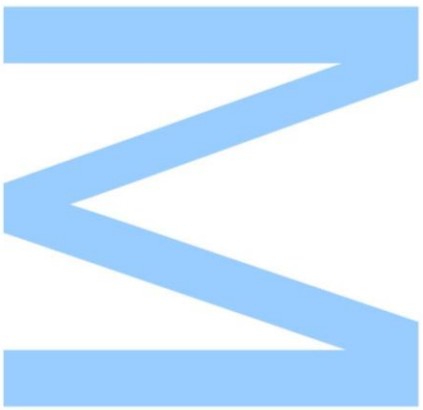


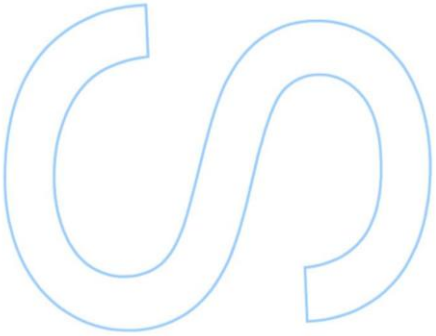
Todas as correções determinadas

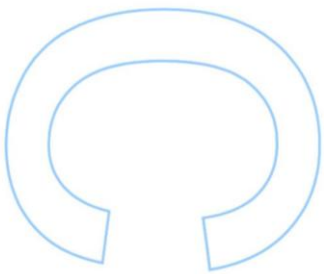
pelo júri, e só essas, foram efetuadas.

O Presidente do Júri,

Porto,
_____/_____/_____







Resumo

A rosa é, desde sempre, uma das flores mais importantes na história dos jardins. Uma das manifestações que o Homem desenvolveu desde cedo para evidenciar o gosto por esta planta foram os roseirais. O presente trabalho diz respeito ao Roseiral do Parque de Serralves, no Porto, construído na primeira metade do século XX, como parte integrante da quinta privada da família Cabral.

Com o Parque atualmente aberto ao público, o Roseiral de Serralves é hoje uma das suas áreas mais populares. Possui um traçado formal rigoroso composto por vários canteiros delimitados por sebes de buxo geometricamente desenhados, exibindo no seu interior roseiras de diferentes cultivares, cores e formas.

Embora o seu *design* tenha permanecido intacto desde a sua construção, o Roseiral foi perdendo alguns elementos caracterizadores importantes. Hoje o jardim enfrenta dois principais problemas que justificam uma ação de recuperação: a perda da coleção original de roseiras ao longo dos tempos, e o ataque severo de míldio do buxo (*Cylindrocladium buxicola* Henricot), que atacou todas as sebes de buxo.

O objetivo principal do presente trabalho foi propor um plano de recuperação, fundamentado à luz dos princípios formais de um roseiral de época, resgatando assim o carácter original deste jardim. Para isso realizaram-se as pesquisas necessárias nos catálogos dos mais importantes hortos da época e na bibliografia referente a esta temática, consultados nos Arquivos Municipais e Arquivos da Fundação de Serralves. Após essa pesquisa compreenderam-se os cânones de estrutura e organização dos roseirais formais, constatou-se que as roseiras mais plantadas seriam as Híbridas de Chá e as Floribundas, e apuraram-se quais as cultivares mais utilizadas.

Relativamente à problemática do buxo, após este trabalho compreendeu-se não só a dimensão e impacte que a doença do míldio apresenta a nível científico, como também a complexidade das questões que este problema levanta na comunidade paisagística. Verificou-se que apesar de existir um conjunto de medidas preventivas e curativas que podem ser implementadas nestas situações, a sua eficácia é ainda reduzida, começando mesmo a ser ponderada a sua substituição por muitos autores.

Conceitos: Recuperação, jardim histórico, Parque de Serralves, roseiral, roseiras.

Abstract

The rose has always been one of the most important plants in the history of gardens. One of the ways man developed to highlight the taste for this plant was the rose gardens. This research focused on the Rose Garden of Serralves Park, in Porto, conceived in the first half of the 21st century, as integrant part of the Cabral's family property.

With the Park now open to the public, the Rose Garden is one of its most popular areas. It has a strict formal design, with several beds delimited by boxwood hedges geometrically designed, displaying rose bushes of different cultivars, colors and shapes inside.

Although the design has remained intact since its construction, as most historic gardens this Rose Garden has been losing some important and characteristic elements. Today, the garden is currently facing two major problems, leading to the need for a restoration action: the depletion of the original rose collection, over time, and the attacked of boxwood blight (Cylindrocladium buxicola Henricot).

The main purpose of this study is to propose a restoration plan, based on the formal principles of a rose garden, thus restoring the original character of this garden. In order to accomplish that task, an extensive research was made on the catalogs of the most important nurseries of the time, and in the bibliography regarding this theme, consulted at the Municipal Archives and Serralves Foundation' Archives. This research enabled the comprehension of the structure and organization principles of the formal rose gardens. Furthermore, it was disclosed that the Hybrid Teas and the Floribundas were the most planted rose bushes at that time, and also which were the most commonly used cultivars.

Regarding the boxwood problem, this study allowed a deeper understanding of the dimension and impact of the boxblight disease on a scientific level, as well as the complexity of this issue in the landscape community. Despite all the preventive and healing measures that can be used in this situations, it is noticeable their diminished efficacy, which leads many authors to ponder alternatives.

Key-words: Historic garden, recovery, Serralves Park, rose-garden, roses, classic garden.

Agradecimentos

"Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo, é fundamental. Se navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas é mais preciso ainda!"

Antoine de Saint-Exupéry

Para que a realização desta tese de Mestrado se tenha tornado possível, contei com o apoio de alguns nomes que direta ou indiretamente me incentivaram a concretizar mais esta etapa da minha vida profissional e pessoal. O resultado deste trabalho é por isso dedicado a todos eles.

À Professora Cláudia Fernandes, pelo seu apoio como orientadora deste trabalho, e pelo incentivo para que me superasse a mim mesma a cada momento.

À Professora Teresa Marques, pela sua atenção e esclarecimentos oportunos na altura em que mais precisei.

À '*senhora Arquiteta'*, Ana Oliveira, com quem passei todos estes meses de estágio na Fundação de Serralves, e que me apoiou dedicadamente durante todo este processo. Sem dúvida uma das melhores pessoas e profissionais que tive oportunidade de conhecer e que me inspirou nesta minha fase de formação.

A toda a família do Parque de Serralves, e à forma como me acolheu, agradeço pela descontração e boa disposição em todos os momentos.

Um agradecimento especial aos meus pais, irmãos, avós e tios, pelos conselhos e dicas que só a família sabe dar, e pelo porto seguro que encontrava cada vez que chegava a casa após um dia de trabalho. Obrigada por me fazerem descontrair e por acreditarem em mim. Espero que este trabalho vos deixe orgulhosos.

Ao Tiago, um enorme beijo! Obrigada pelo carinho, pela confiança e força que me deste em todos os momentos. Sem ti não conseguiria nunca chegar até aqui e não tenho linhas suficientes para te dizer tudo o que fizeste e tudo o que gostaria de agradecer. Fico-me por dizer que conseguimos mais uma etapa juntos! E que venham mais!

Á família Oliveira, minha segunda casa e grande apoio também, um obrigado muito especial por me tratarem como uma filha, pelos vossos sábios conselhos e pela força que sempre me dão!

Aos meus amigos, que sempre me reconfortaram nem que fosse com as palavras certas num dos nossos longos telefonemas. Aos meus amigos da faculdade, com os quais 'vivi'e cresci durante estes três anos, e com quem partilhei tantos momentos profissionais e pessoais. João, Catarina e Bruno, não esquecerei como crescemos e nos aperfeiçoamos apoiados uns nos outros.

Obrigada a todos!

Lista de Figuras

Figuras

1 – ***Exposição de rosas Palácio de Cristal, Porto, 1919***. Retirada de Cinemateca Portuguesa: http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2708&type=Video (acedida em 14 Fev. 2015, 15:23)

2 – ***Classificação de roseiras recomendada pela Federação Mundial das Sociedades de Criadores de Roseiras em 1971.*** Adaptado de documento do Instituto do Emprego e Formação Profissional, disponível nos Arquivos de Serralves.

3 – ***Algumas roseiras selvagens***,

(a) *Rosa Gallica*. Retirada de http://newfs.s3.amazonaws.com/taxon-images-1000s1000/Rosaceae/rosa-gallica-fl-ahaines-b.jpg

(b) *Rosa Gigantea*. Retirada de http://www.helpmefind.com/rose/l.php?l=2.37605.9;

(c) *Rosa Chinensis*. Retirada de http://www.pepinieres-montimas.com/sites/montimas/pages/medias/images/gammes/rosa%20chinen%20sanguinea.jpg

(Acedidas em 7/4/2015)

4 – ***Hábitos das Roseiras*.** Adaptado de '*The Rose Expert',* (Hessayon, 1993).

5 – ***Ilustração da obra de Roman de la Rose, c.* Flemish *1500.*** Imagem retirada de *Rose Garden*, (Fearnley-Whittingstall, 1989)

6 – ***Paradisus Terrestris.*** Imagem da obra de John Parkinson, 1629, retirada de Roseiras Antigas de Jardim (Albuquerque, 2006).

7 – ***Rosa La France e Rosa Rayon d'Or***.

(a) Retirada de http://www.marinrose.org/monthjan10.html, (acedida em 20 Fev. 2015, 12:21);

(b) Retirada de www.flickr.com/photos/charmainezoe/5598444365/, (acedida em 20 Fev. 2015, 12:48);

8 – ***Distanciamento entre roseiras de acordo com as suas classes***. Adaptado de The Rose Expert, (Hessayon, 1993).

9 – ***Doenças e pragas mais comuns nas roseiras.*** Imagem retirada e adaptada de: http://horta-jardim.blogspot.pt/2011/07/doencas-das-roseiras.html (acedida em 15 Junho. 2015);

10 – ***Exemplo de maciços de cores num roseiral formal*.** Imagem retirada de: Encyclopedia of Gardening, (The Royal Hoticultural Society, 2007).

11 ***– Elementos decorativos típicos de um roseiral formal.*** *A última figura desta imagem retrata uma estrutura bastante semelhante com a que se consegue ver nas fotografias Alvão do Roseiral de Serralves.* Imagem retirada de The Traditional Garden Book, (Rose, 1989)

12 – ***Desenho do Parque Ashridge em Hertfordshire, Inglaterra, por Humphry Repton (c. 1800). Conceito de jardim de rosas formal e regular típico do século XIX.*** Imagem retirada de: Rose Gardens (Fearnley-Whittingstall, 1989)

13 – ***Exemplo de um jardim de roseiras com diversas formas e alturas***. Imagem retirada de: *The Rose Graden in Two Divisions* (Paul, 1903).

14 – ***Localização do Roseiral no Parque (sinalizado a tracejado).*** Imagem adaptada de Google Maps, (acedida a 14 Janeiro 2015)

15 – ***Planta de Jacques Gréber, Setembro 1932***. Imagem disponível no Instituto de Neurologia da Boavista, Porto.

16 – ***Alterações efetuadas ao projeto. Jacques Gréber, Setembro 1932, Paris. Sobreposição da forma atual do roseiral, a tracejado.*** Imagem disponível nos arquivos de Serralves.

17 – ***Fonte de granito na antiga Quinta de Lordelo, antes das alterações feitas pelo Conde de Vizela na propriedade****. Foto Beleza, década 1920, d*isponível nos arquivos de Serralves.

18 – ***Levantamento de Carlos Milho, 1939.*** Imagem disponível nos arquivos de Serralves.

19 – ***Traçado atual do roseiral.*** Imagem gerada e adaptada a partir da base em AutoCad do Parque de Serralves, disponível nos arquivos de Serralves.

20 – ***Pormenor da planta da situação do Parque antes das obras de recuperação, onde se pode ver o roseiral previamente acrescentado, entre a álea dos liquidâmbares e a pérgol***a. Planta existente nos Arquivos de Serralves.

21 – ***Comparação do aspeto atual do Roseiral (a-d) com os finais da década de 40 (a'-d').*** Imagens atuais (de a-d): fotografias Ana Gonzalez, 2015. Imagens antigas (de a'-d') Registo fotográfico Alvão, retiradas de *Jacques Gréber, Urbanista e Arquiteto de Jardins, 2007*.

22 – ***Estrutura, envolvente e acessos do Roseiral de Serralves***. Imagem gerada e adaptada a partir da base em AutoCad do Parque de Serralves, disponível nos arquivos de Serralves.

23 – ***Área envolvente ao Roseiral.*** Imagem gerada e adaptada a partir da base em AutoCad do Parque de Serralves, disponível nos arquivos de Serralves.

24 – ***Principal vegetação arbórea da envolvente do Roseiral.*** Imagem gerada e adaptada a partir da base em AutoCad do Parque de Serralves, disponível nos arquivos de Serralves.

25 – ***Doença das pintas pretas (Black spot) identificada no Roseiral de Serralves.*** Fotografia Ana Gonzalez, 2015.

26 – ***Aspeto do Buxo doente.*** Fotografia Ana Gonzalez 2015.

27 – **Aspeto geral do roseiral**

(esquerda) Antes da doença do buxo. Fotografia de Ana Oliveira, 2011.

(direita) Depois da doença do buxo. Fotografia de Ana Gonzalez, 2015.

28– ***Sebes de Myrtus communis var. Tarentina no jardim Botânico da Ajuda, Lisboa.*** Ana Oliveira, 2015

29 – ***Materiais existentes no Roseiral de Serralves.*** Fotografias Ana Gonzalez, 2015.

30 – ***Posicionamento das estruturas e materiais identificados na fig. 29.*** Imagem gerada e adaptada a partir da base em AutoCad do Parque de Serralves, disponível nos arquivos de Serralves.

31 – ***Estado atual das estruturas de ferro originais.*** Fotografias Ana Gonzalez, 2015.

32 – ***Estudo de exposição solar. Ensombramento dos canteiros da parte da manhã, às 10h (a), e da parte da tarde, às 15h (b). Maio de 2015.*** Imagem gerada e adaptada a partir da base em AutoCad do Parque de Serralves, disponível nos arquivos de Serralves.

Ilustrações

Ilustração 1 – ***Plano Geral da proposta de recuperação do roseiral do Parque de Serralves.*** Ana Gonzalez, a partir da base em AutoCad do Parque de Serralves, disponível nos arquivos de Serralves.

Ilustração 2 – ***Detalhe dos canteiros.*** Ana Gonzalez, a partir da base em AutoCad do Parque de Serralves, disponível nos arquivos de Serralves.

Ilustração 3 – ***Esquema de plantação das roseiras trepadeiras, "standard", "rambler" e vigorosas.*** Ana Gonzalez, a partir da base em AutoCad do Parque de Serralves, disponível nos arquivos de Serralves.

Ilustração 4 – ***Exemplo do antes e depois do aspeto dos canteiros contíguos à pérgola após plantação proposta.*** Ana Gonzalez

Ilustração 5 – ***Organização cromática do canteiro semi-otogonal, com destaque para as estruturas de ferro aqui existentes. Visualização a partir da entrada a sudoeste, adornada com o arco a reintroduzir, revestido com roseira trepadeira.*** Ana Gonzalez

Ilustração 6 – ***Exemplo de painel informativo para o roseiral.*** Ana Gonzalez

Índice

Resumo ..... **I**

Abstract ..... **II**

Agradecimentos ..... **III**

Lista de Figuras ..... **IV**

Índice ..... **VII**

I. Introdução **1**

1.1. Contextualização Histórica 1

Serralves – um testemunho arquitetónico e paisagístico único da 1ª metade do século XX 1

A estrutura socioeconómica e paisagística do Porto, e a horticultura da 1ª metade do século XX. 2

1.2. Problemática e objetivos 3

1.3. Metodologia de trabalho 3

II. Revisão Bibliográfica **6**

2.1 O género Rosa 6

2.1.1. Caracterização geral da planta 6

2.1.2. Classificações das roseiras 6

2.1.3. Hábitos das roseiras 9

2.1.4. História e utilização das rosas em jardim 10

2.1.4. Notas sobre as hibridações e processos de evolução das rosas 11

2.1.5. Cuidados na plantação e manutenção das roseiras 13

2.2. Os Roseirais 17

2.1.1. Origens e evoluções desta tipologia de jardim 17

2.1.2. Características gerais do traçado e composição dos roseirais formais 18

III. O Roseiral do Parque de Serralves **22**

3.1. Localização no Parque 22

3.2. O nascimento de um Roseiral 22

3.3. A situação atual – Análise do local 25

3.4. Proposta 34

IV. Notas finais 40

Bibliografia 42

Anexos 45

Anexo I – Glossário 46

Anexo II – Alguns Casos de estudo de Recuperações de Roseirais 50

Anexo III – Classificações das Roseirais 53

Anexo IV – Morfologia das Roseiras 58

Anexo V – Algumas das principais doenças fúngicas das Roseiras. 60

Anexo VI – Susceptibilidade das variedades comerciais de *Buxus* à doença do míldio. 61

Anexo VII – Calendário de manutenção 62

Anexo VIII – Listagem das variedades anteriormente plantadas no Roseiral de Serralves 63

Anexo IX – Planta do levantamento da situação existente do Roseiral .....

Anexo X - Plano Geral da Proposta 65

Anexo XI – Plano de Manutenção 66

"A Rosa, a flôr sem rival, a rainha das flôres, reunindo em si a elegância dos botões, a perfeição das formas, a suavidade do aroma, a delicadeza do encarnado ou da brancura virginal das pétalas, é a flôr de todos os seculos, de todas as edades e celebrada por todos os poetas como typo de graça e beleza."

(Loureiro, 1870)

I. Introdução

1.1. Contextualização Histórica

O presente trabalho tem como objeto de estudo o Roseiral do Parque de Serralves. Este Parque, com origens no final do séc. XIX, atravessou um longo e dinâmico período evolutivo desde a sua conceção até aos nossos dias. Neste sentido, e de modo a garantir um melhor entendimento do jardim em estudo, entendeu-se ser importante compreender o contexto cultural da cidade do Porto e as transformações sociais da época, e seguidamente analisar a história do parque em que o jardim se insere, bem como as dinâmicas económicas que enquadraram a sua construção.

Serralves – um testemunho arquitetónico e paisagístico único da 1ª metade do século XX

"Durante décadas, houve um 'mistério Serralves' do lado de dentro dos muros altos daquela propriedade a caminho da Foz, que mantinha à distância os portugueses, impedindo-os de aceder ao quotidiano ou sequer à silhueta de um conde e patrão da indústria tão poderoso quanto discreto."
(Andrade, 2009)

Considerado como um dos primeiros exemplos da arte dos jardins da primeira metade século XX e como a mais notável casa *Art Déco* existente em Portugal, (Andrade, 2009) *Serralves* surge fruto de um projeto encomendado pelo 2º Conde de Vizela, Carlos Alberto Cabral (1895−1968), para uma casa privada nos terrenos da quinta da família no Porto. Carlos herda a quinta na rua de Serralves, por volta de 1923, iniciando um processo de alterações à propriedade.

Este projeto, que inicialmente se trataria apenas do alargamento da estrutura da casa existente, acaba por tomar maiores proporções, envolvendo vários autores que traziam as mais recentes novidades, luxo e sumptuosidade. Carlos Alberto solicita as participações de importantes nomes no âmbito da arquitetura e decoração, como Émile-Jacques Ruhlmann (1879-1933) e Charles Siclis (1889-1942). Por sua vez, os estudos para o jardim, primeiro confiados ao arquiteto portuense Marques da Silva, são depois atribuídos ao arquiteto e urbanista francês Jacques Gréber (1882-1962).

Tanto em relação ao património edificado quanto aos seus jardins, Serralves tornava-se assim distinto da tipologia de construção observada na época na cidade do Porto (Andrade, 2009).

Carlos Alberto Cabral e a sua mulher, Blanche Daubin, viverão em Serralves somente desde inícios da década de 40 até 1953, altura em que dada a crise que se instalava na indústria têxtil, o Conde é forçado a vender a quinta. A venda é feita a Delfim Ferreira, outro importante industrial, sob a condição imposta pelo Conde de Vizela de que o seu projeto não fosse alterado. Sob o domínio da família de Delfim Ferreira este marco arquitetónico e paisagístico perpetuou-se inalterado até aos nossos dias.

Já em 1987 dá-se a compra da quinta pelo Estado Português, com a abertura do Parque ao público em 1988, terminando assim a história privada de Serralves.

A estrutura socioeconómica e paisagística do Porto, e a horticultura da 1ª metade do século XX.

Serralves constitui um testemunho arquitetónico e paisagístico único do início do século XX, *"com a sua dimensão a sobrepor-se ao parcelamento da estrutura fundiária da cidade"* (Tavares, 2007).

Entre as décadas de 1930 a 1940 a Área Metropolitana do Porto atinge novas proporções surgindo com ela a desruralização e o desaparecimento de grande parte das quintas que nos séculos anteriores tinham marcado a cidade (Castro, 2001), tendo sido Serralves a última quinta de recreio a ser construída (Andresen, 2011). Carlos Alberto Cabral dispunha de uma das mais significativas fortunas empresariais, possibilitando os seus desejos e extravagâncias para a construção de Serralves. De entre as suas inúmeras viagens, visitou em 1925 a Exposição Internacional de Artes Decorativas, em Paris, onde presencia os avanços dos princípios de modernidade. Contudo, o Conde não se seduz por estas novas propostas, e mantem-se fiel às Artes Decorativas (Andresen, 2011).

Durante as primeiras décadas do século XX, a arte dos jardins em Portugal era exercida praticamente apenas em quintais, quintas, largos e praças. Para além disto, apenas se destacava alguma evolução na produção de ornamentais, de onde provém o êxito de importantes horticultores portuenses da época (Araújo, 1988), como Jacinto de Matos, Alfredo Moreira da Silva, entre outros. Segundo Ilídio de Araújo (1988), os jardins construídos nesta época assemelhavam-se a expositores das plantas dos hortos existentes, apresentando por isso particular interesse botânico. Os roseirais, como o de Serralves, que também se destinavam à exposição das inúmeras cultivares de rosas que iam sido lançadas pelos produtores, mereciam à data um interesse especial (Araújo, 1988).



Figura 1 – Exposição de rosas Palácio de Cristal, Porto, 1919.

Ainda ao nível hortícola, as Sociedades e Grupos de Horticultura, bem como as Exposições nacionais e internacionais que surgiam na época, interligavam o mundo inteiro facilitando a comunicação e a transição de ideias e novidades da área hortícola. Alguns dos eventos mais populares na época eram, a nível nacional, as Exposições Hortícolas no Palácio de Cristal (Fig. 1), e algumas exposições em hortos especializados. A nível internacional, destacavam-se eventos como *L'Exposition d'Horticulture de Paris;* ou o concurso internacional de Bagatelle.

Assim, a obra do Parque de Serralves é *"executada no limiar do modernismo*" (Andresen, 2011, p. 43), mas ainda com uma ligação ao neoclássico, apresentando ao mesmo tempo sinais estilísticos de um e de outro.

Entre 1920 e 1940 persistia a utilização do betão armado, nomeadamente em pérgolas, colunatas e templetos. A cor reinava, como sinal da reação contra as dificuldades originadas pelas duas Guerras Mundiais. Eram comuns as "salas" ao ar livre, que dividiam os jardins em diferentes temas: as matas; a pradaria; e os roseirais, mais populares do que nunca (National Trust, s.d.).

1.2. Problemática e objetivos

O roseiral do Parque de Serralves é o principal foco desta investigação. Ainda que tenha mantido a sua integridade de conceito e *design* desde a sua construção na década de 30, este jardim, tal como a muitos dos espaços históricos, não resistiu em todos os níveis ao passar do tempo. Alguns elementos caracterizadores da obra original, como as estruturas decorativas e a própria coleção de roseiras que o compunha, foram-se perdendo com o tempo. Para além disso, novas ameaças surgem com o ataque da doença do buxo, provocada pelo fungo *Cylindrocladium buxicola.*

Em suma, na sua condição atual este jardim não transmite ao público todos os dados históricos que classificam o seu carácter original, não possuindo por isso um interesse histórico pleno[1].

O objetivo do presente trabalho é a recuperação do carácter original deste roseiral. Assim, pretende-se replantar o jardim com cultivares de roseiras próximas da época em que este foi construído; recuperar o aspeto e funcionalidade da estrutura de sebes que o compõem; reintroduzir os objetos decorativos identificados nos registos fotográficos do jardim naquela época; e ainda propor um conjunto de práticas de manutenção adequadas à tipologia deste jardim, de modo a garantir a sua preservação futura.

1.3. Metodologia de trabalho

Para a realização do presente trabalho foi necessária uma detalhada pesquisa histórica sobre a temática das Rosas e dos Roseirais, assim como da própria história do Parque de Serralves e do seu Roseiral. Para esse efeito foram consultadas diversas fontes documentais, nomeadamente os arquivos da Fundação de Serralves, os arquivos históricos e bibliotecas municipais, e ainda suportes digitais. Durante esta investigação, verificou-se a ausência de planos projetuais para o Roseiral de Serralves, o que condicionou o método da análise do local. Nesta etapa é feita uma análise histórica acerca da área em

[1] O Artigo 1 da Carta de Florença, de 1982, refere que "Um jardim histórico é uma composição arquitetónica e hortícola com interesse para o público pelo seu ponto de vista histórico ou artístico" (ICOMOS, 1982).

estudo, baseada nos únicos registos conhecidos: as plantas de Jacques Gréber, de 1932; as fotografias das Casas Bazar Foto Amador e Alvão, registadas respetivamente no ano de 1936 e nos finais da década de 40; e ainda o levantamento topográfico de Carlos Milho, de 1939[2].

Posteriormente analisa-se o estado atual deste jardim, e faz-se a comparação desta situação com a observada nas décadas de 30 e 40 (recorrendo novamente ao registos fotográficos Bazar Foto Amador e Alvão). Na avaliação da situação existente, é feito o levantamento dos pés de roseiras, e avalia-se o estado da restante vegetação e dos materiais existentes. Este processo foi registado fotograficamente, para garantir uma análise mais cuidada dos elementos, sempre que não fosse possível visitar o local. Por fim realizou-se um estudo da exposição solar, em AutoCad, através do registo das sombras analisadas e registadas *in situ*.

Após a cuidada pesquisa bibliográfica e a análise detalhada do local, partiu-se para a fase da proposta. Esta etapa é sumarizada num plano geral concebido em *AutoCad* e trabalhado em programas de edição de imagem, como o *Photoshop* e o *Illustrator*, acompanhado de um plano indicativo escrito e visualizações de algumas das situações propostas, realizadas em Photoshop.

A proposta faz-se ainda acompanhar de um plano de manutenção para o Roseiral e uma listagem de roseiras propostas para a replantação deste jardim.

Para a proposta das cultivares de roseiras a plantar neste roseiral, e mais uma vez, à falta de registos de plantações do projeto original, foi necessária a pesquisa das cultivares mais comercializadas na época[3]. Para tal, foram analisados catálogos de conceituados hortos portuenses, nomeadamente o compêndio francês "*Revue Horticole*"[4] de 1930 e 1931, e os volumes do Horto da Real Companhia Hortícola do Porto, de Alfredo Moreira da Silva. Quanto a estes últimos, decidiu-se analisar apenas o catálogo referente a 1937, uma vez que esse volume condensava também as cultivares comercializadas nos anos anteriores (até 1934). Os resultados obtidos foram posteriormente cruzadas com cultivares apresentadas nos catálogos de dois dos mais importantes hortos britânicos ainda hoje existentes, Peter Beales e David Austin, de modo a certificar a permanência destas cultivares no mercado. Das cultivares recolhidas, foram triadas centenas de cultivares consideradas adequadas para integrar a listagem da proposta. Esta triagem foi feita principalmente pelos anos de criação das cultivares, (dando-se preferência às anteriores à década de 1930, época de construção do roseiral, e que ao mesmo tempo fossem Roseiras Modernas do século XX, já que as mais antigas são

---

[2] Existe um levantamento detalhado do Parque de Serralves, da autoria do topógrafo Carlos Milho, datado de 1939 que "fixa um conjunto formado por diferentes unidades de jardim, num objeto unificado e completo." (Tavares, 2007, p. 282)

[3] De modo a haver um limite na pesquisa e recolha de variedades estipulou-se esta década como data máxima das roseiras a serem introduzidas, por ser a altura em que se conhecem as primeiras fotografias do roseiral acabado.

[4] A informação deste compêndio (em tudo semelhante ao nosso Jornal de Horticultura Prática) foi bastante importante na medida em que aqui são apresentadas as principais novidades de roseiras da época, sendo feita uma espécie de análise ao seu desempenho no jardim, à sua popularidade entre o público, medalhas ganhas em concursos de rosas, etc.

mais sensíveis e poderiam não vingar). Seguidamente, de modo a organizar esta informação, foi criada uma listagem em formato *Excel* das roseiras identificadas, organizada segundo vários parâmetros de caracterização analisados, como a cor, perfume, altura, mediatismo na época, etc.. Visa-se deste modo orientar o Parque de Serralves na seleção e encomenda das cultivares, e auxiliar em caso de eventual indisponibilidade de certa variedade pretendida.

II. Revisão Bibliográfica

2.1 O género Rosa

2.1.1. Caracterização geral da planta

O género Rosa L. pertence à família das *Rosaceae*. Trata -se de uma planta arbustiva ou rasteira, muitas vezes provida de formações epidérmicas, como acúleos. De folhagem peciolada, perenifólia ou caducifólia, imparipenada e serrilhada. A floração é hermafrodita e pode surgir solitária ou em inflorescências corimbiformes. Possui normalmente 5 pétalas e a sua coloração pode ser muito variada. Possui carpelos numerosos, livres, situados no interior do recetáculo; o fruto em poliaquénio, rodeado pelo recetáculo, é carnudo e colorido (Castroviejo, S. (coord. gen.), 1986-2012) e a floração pode ser remontante, florescendo repetidamente, ou não remontante, florescendo apenas uma vez ao ano (Hessayon, 1993). É característico aparecerem ramos ladrões nas roseiras enxertadas, que se distinguem por ter características diferentes dos restantes ramos. Estas formações tornam-se prejudiciais para a planta uma vez que levam a gostos de energia desnecessários (The Royal Hoticultural Society, 2007)

A maioria das roseiras cresce melhor em climas mediterrânicos do que em climas mais frios e chuvosos. A chuva provoca estragos nas pétalas e a humidade favorece o aparecimento de fungos que deixam as folhas escuras e debilitam a planta (Quest-Ritson, 2015).

A longevidade das roseiras pode ser muito variável, mas as Roseiras Antigas e arbustivas vivem mais do que as Hibridas de Chá e Floribundas, e as roseiras remontantes tendem a apresentar ciclos de vida mais curtos (Austin, 2009).

No Anexo IV encontram-se descritas algumas das principais características morfológicas das Roseiras.

2.1.2. Classificações das roseiras

Segundo a Flora Ibérica, o género Rosa apresenta algumas dificuldades no seu tratamento taxonómico devido à grande variabilidade morfológica que podem apresentar, dificultando o reconhecimento e caracterização das variedades. Já Marques Loureiro, no Jornal de Horticultura Prática, apoiado nas palavras dos botânicos Linneu e Brotero afirmava que o processo de identificação destas espécies era bastante complicado nalguns casos, uma vez que as características diferenciadoras de cada espécie não são suficientemente fixas (Loureiro, 1870).

Atualmente não existe um método simples e único de classificação de roseiras, pelo que este processo nem sempre é consensual de autor para autor, e muitas das vezes a mesma variedade pode mesmo integrar grupos diferentes, mediante cada autor.

O diagrama da figura 2, proposto pela *Federação Mundial das Sociedades de Criadores de Roseiras,* e seguido pela Royal National Rose Society, mostra uma das formas de classificação.

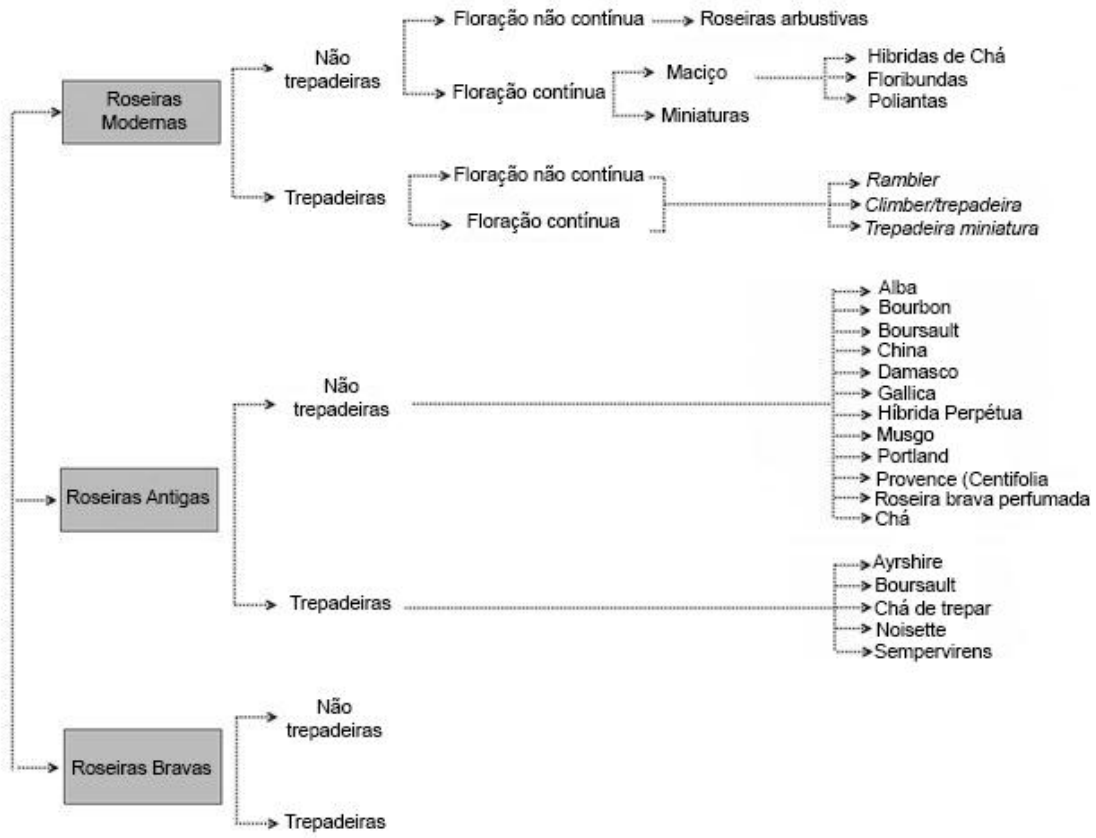


Figura 2 - Classificação de roseiras recomendada pela Federação Mundial das Sociedades de Criadores de Roseiras,1971.

No momento do registo de determinada variedade, é o criador do novo híbrido que determina em que classe a rosa será colocada. Geralmente essa decisão é feita com base na linhagem, mas também pode ser feita pelo tipo de crescimento que a planta apresenta, ou ainda por razões comerciais. Neste último caso a nova variedade é frequentemente colocada na classe que venda mais, surgindo assim classes confusas e muitas vezes duvidosas (Zimmerman, 2007).

Roseiras Selvagens

As roseiras selvagens, bravas, ou de espécie pura, (*species roses*, em inglês), são aquelas que têm origem espontânea na Natureza, no Hemisfério Norte. Até aos nossos dias as rosas têm passado por muitas e frequentes manipulações pelas mãos do homem, e a planta que hoje conhecemos difere bastante da que a natureza criou (Beales, 1997). As rosas selvagens são originalmente flores simples com 5 pétalas e todas elas no seu habitat natural se reproduzem facilmente por semente após autopolinização ou polinização por outras da mesma espécie. Os seus processos evolutivos garantiram-lhes a resistência a condições extremas,

desenvolvendo proteções em forma de espinhos bem como perfume e cor atrativos para os polinizadores. No seu livro *Classic Roses*, Peter Beales refere a Europa, a Ásia Menor, a Ásia e a América do Norte como as quatro regiões principais onde as rosas crescem naturalmente (Beales, 1997).

A *R. gallica*; *R. gigantea* e a *R. chinensis* (fig.3) são três rosas selvagens que são ancestrais das Rosas Modernas (Quest-Ritson, 2015).



Figura 3 – Algumas roseiras selvagens. (a) *Rosa gallica*; (b) *Rosa gigantea*; (c) *Rosa chinensis*

Roseiras Antigas de Jardim

Segundo a classificação proposta pela Federação Mundial das Sociedades de Criadores de Roseiras (FMSCR), assim é chamado ao grupo de roseiras que surge antes da introdução da primeira rosa Híbrida de Chá, a *La France*, por volta de 1867 (Mattock, 1980). Fazem parte deste grupo as *Centifolias*, *Musgo*, *Damasco*, *Gallicas*, *Albas*, *Chinas*, *Bourbon*, *Portland*, *Noisettes*, *Chá*, *Hibridas Perpétuas*, *Pimpinellifolia*, *Sweet Briar*, *Semprevirens*, *Ayrshire*, e *Hibridas de Musgo* (Beales, 1997) (ver anexo III).

A maioria floresce apenas uma vez ao ano (floração não remontante), mas a sua beleza, o número abundante de pétalas e a sua fragrância são características importantes que as tornam ainda muito desejadas.

A Royal Horticultural Society divide este grupo em dois, separando as Roseiras Antigas de origem Europeia e as Roseiras Antigas resultantes da hibridação entre Roseiras Europeias e Orientais. (Ver anexo III)

Roseiras Modernas de Jardim

Esta é a designação proposta pela Federação Mundial das Sociedades de Criadores de Roseiras (FMSCR), para o grupo de roseiras de origem híbrida que surgem após introdução das Roseiras Híbridas de Chá, em 1867.

Pensa-se que a primeira Hibrida de Chá tenha sido acidentalmente criada por Jean-Baptiste Guillot. (1827-1893). Este horticultor do século XIX encontrou no seu viveiro uma variedade que imediatamente reconheceu como diferente das restantes. Possuía uma estrutura arbustiva mais fechada, hastes altas e com flores de botões mais perfeitos, elegantemente centrados como os das Roseiras de Chá, e preenchidos com muitas pétalas. Embora desconhecesse o verdadeiro parentesco desta nova variedade, Gillot entendeu que deveria ter surgido do cruzamento entre uma Híbrida Perpétua e uma Roseira de Chá. Em 1867 foi

denominada 'La France', e a partir daí foi usada por inúmeros criadores, como Henry Bennet[5], em programas deliberados de cruzamentos, com o objetivo de criar novas roseiras com estas características. Para além das Híbridas de Chá, a Royal Horticultural Society inclui no grupo das Roseiras Modernas, as classes: Floribundas, Trepadeiras, *Rambler*, Miniaturas, Pátio, Poliantas, Rugosas e Arbustivas (Ver anexo III)

2.1.3. Hábitos das roseiras

Uma das razões pela qual a rosa é tão apreciada é pelo facto de poder ser cultivada de forma tão variada num jardim (fig. 4). Pode crescer junto ao solo, ou trepar por paredes, muros ou pilares, ou preencher espaços mais pequenos na sua variedade miniatura. Pode ainda ser exposta em canteiros ou dar volume a bordaduras, na sua forma arbustiva.

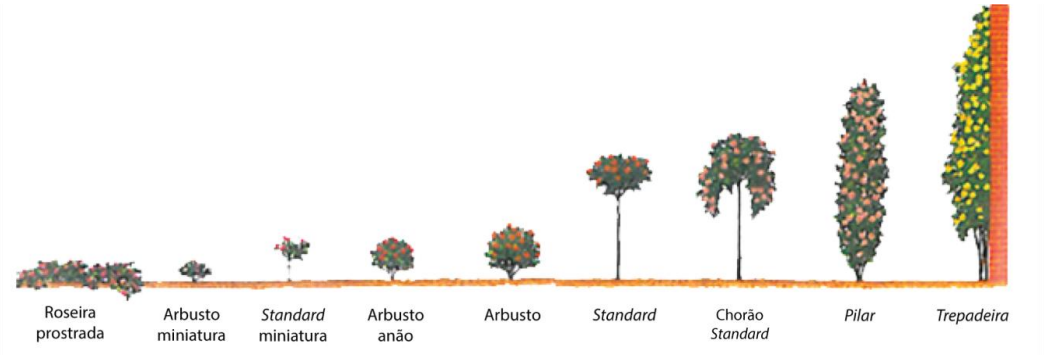


Figura 4 – Hábitos das Roseiras.

Podem atribui-se formas invulgares às roseiras, originando estruturas que conferem escala vertical e realçam o esquema de plantação. Por exemplo, as roseiras trepadeiras e as "*ramblers"* (hábito decumbente) podem ser conduzidas de variadas formas, em estruturas apropriadas, como cordas ou arames. Já as Hibridas de Chá, as Floribundas ou as Roseiras Arbustivas podem ser podadas em forma "*standard"* (figuras de haste alta, desprovida de ramos, terminando numa cabeça arbustiva em bola), ou formar estruturas "*standard-chorão"*, a partir de "*ramblers"* de flores pequenas enxertadas em roseiras "*standard"*.

[5] Henry Bennet criou inúmeras variedades distintas de Hibridas de Chá, através do processo de cruzamentos deliberados. Algumas destas variedades acabaram mesmo por ganhar importantes prémios, que lhe valeram o título de *"Lord of the Hibrid Teas"*

2.1.4. História e utilização das rosas em jardim

Símbolo de causas e ideais, como a beleza, o amor e o requinte, e sendo associada a mitos, lendas e várias nações, a *Rosa* tem sido abundantemente retratada ao longo da história. Desde cedo captou a atenção de poetas, pintores e outros artistas, (fig. 5) inspirando inúmeras representações (Fearnley-Whittingstall, 1989). A escritora grega Sappho (cerca de 600 a.C.) atribui a esta planta o nome de 'Rainha das Flores' (Foster-Melliar, 1984), título que se prolonga até aos nossos dias. A sua versatilidade tornou-a constante no nosso quotidiano, tanto nos jardins como na decoração dos mais variados objetos do dia-a-dia.

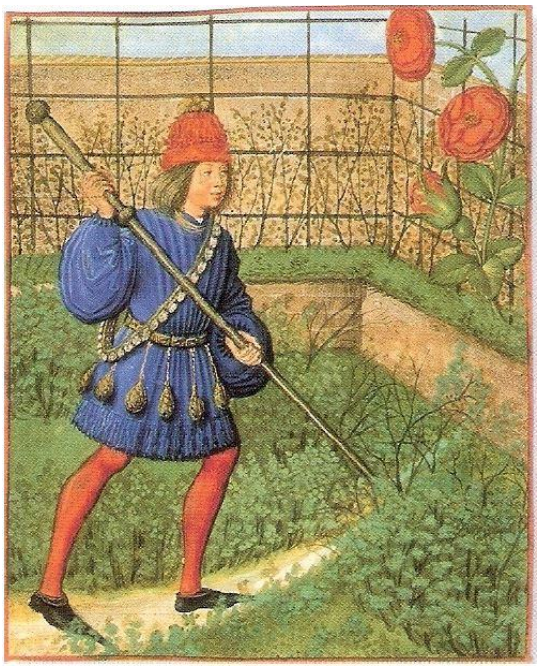


Figura 5 - Ilustração da obra de *Roman de la Rose*, 1500.

Segundo um artigo da Universidade de Illinois (Stack, 2009), de acordo com as evidências fósseis a rosa terá cerca de 35 milhões de anos, sendo que o seu cultivo ter-se-á iniciado há cerca de 5.000 anos. Originalmente, a Rosa surge na sua forma selvagem dispersa pela Natureza, sendo nativa do Hemisfério Norte, não integrando a flora do Hemisfério Sul (Loureiro, 1870).

Será provável que tenham sido viajantes como os cruzados e os monges Beneditinos a transportarem roseiras de uns países para os outros, desde cedo, atraídos pela sua beleza e propriedades medicinais.

Pensa-se que terão sido os romanos os primeiros a cultivar esta planta, utilizando-a tanto em decorações como na confeção de vinhos, comida e perfumes. São várias as referências do uso luxurioso das flores e pétalas de rosa por Nero, Cleópatra e outras figuras romanas para decorar os seus palácios (Foster-Melliar, 1984). Plínio, o Novo (61 dC-112 dC), jardineiro romano amante das rosas, descreveu detalhadamente a maravilha dos jardins de roseiras, listou algumas variedades, e estudou exaustivamente as suas propriedades medicinais (Fearnley-Whittingstall, 1989). Com a queda do Império Romano em 476, nota-se uma quebra na popularidade das rosas enquanto plantas ornamentais, mas o seu cultivo prosseguiu,

assegurado pelas suas propriedades medicinais. Muitos anos passaram até que a rosa voltasse a ser utilizada como espécie ornamental e o desenho dos jardins voltasse a adquirir a sofisticação dos jardins de Plínio (Fearnley-Whittingstall, 1989).

Com o Renascimento nasce um novo interesse científico que promove também o estudo das plantas, como se pode constatar na bibliografia da época na qual se destaca a obra de John Parkinson, *Paradisus Terrestris*, de1629, em que são apresentadas e descritas 24 rosas diferentes (fig. 6).



Figura 6 – *Paradisus Terrestris*. John Parkinson, 1629

Dos finais do século XVIII até ao século XIX, a popularidade da Rosa cresce exponencialmente, sendo a França o centro nevrálgico desta expansão. A Imperatriz Josefina teve um importante papel no seu cultivo na Europa, ao trazer o conceito de jardim de coleção para apreciadores, e ao lançar uma demanda em busca de todas as variedades existentes para o seu jardim da Malmaison (Cruse, 1997). Em 1815, o cultivador francês Mons. Vibert funda o seu horto, e a partir daqui assiste-se ao despoletar dos famosos roseiristas franceses, a quem hoje devemos a maioria das melhores cultivares (Foster-Melliar, 1984), como Moreau & Robert; Ducher, Guillot e Nabonnand. As roseiras importadas da China vão influenciar bastante o modo como a planta é vista na Europa até então. Através de cruzamentos e hibridações, conscientes ou acidentais, com roseiras cultivadas à data no Ocidente, surge um grande surto de novas cultivares que estiveram na origem das Rosas Modernas (Albuquerque, 2006).

2.1.4. Notas sobre as hibridações e processos de evolução das rosas

"How different, how far less interesting to us, would be the forms which compose the Vegetable Kingdom had the Creator made them incapable of variation!"

(Paul, 1903) p.112

O processo de hibridação ou cruzamento é um processo de melhoramento genético que tem como objetivo alterar as características de uma planta, de modo a criar sucessivamente exemplares mais evoluídos que os anteriores. Ao longo da história, a rosa tem passado por intensas seleções, cruzamentos e hibridações, procurando-se alcançar maior variedade de perfumes, pétalas mais numerosas, e cores cada vez mais variadas. O crescimento robusto e a grande defesa imunológica às doenças são também ideais que se pretendem alcançar (Stack, 2009).

. As cerca de 13,000 roseiras de cultivo comercializadas atualmente descendem das roseiras selvagens (The Royal Hoticultural Society, 2007). Sabe-se que os processos de melhoramento de espécies

através da hibridação são iniciados pela China e Japão, dando a conhecer à Europa, nos finais do séc. XVIII, notáveis qualidades desta planta ornamental, como uma vegetação mais vigorosa, folhagem persistente e floração praticamente todo o ano (Costa, 1991).

Em 1867, com a rosa 'La France' (fig. 7 a), surge a classe das Hibridas de Chá, consideradas as primeiras Roseiras Modernas (ver ponto 2.1.2. do presente capitulo). Esta nova classe, de apreciadas características, acaba por constituir o grupo mais popular de roseiras até hoje. A partir daqui inúmeros criadores iniciam uma série de cruzamentos deliberados, com o objetivo de criar novas roseiras com estas características. Muitas das roseiras hoje cultivadas derivam de duas rosas Hibridas de Chá: "Lady Mary Fitzwilliam" (1880) e "William Francis Bennet" (1884), (Albuquerque, 2006).

Em 1875 Henry Guillot introduz a *Ma Paquerette*, resultante do cruzamento de *Rosa multiflora* com a *China*, originando a primeira Polianta, de pequenos botões brancos em grandes cachos, que floresciam durante bastante tempo. Contudo, as Poliantas precisavam de mais altura e floração maior, o que levou Svend Poulsen a testar o seu cruzamento com as Hibridas de Chá, em 1924. Deste cruzamento resultam as Poliantas Hibridas, mais tarde chamadas de Floribundas (ver anexo III), (Albuquerque, 2006), consideradas ainda hoje a segunda classe com maior sucesso, a seguir às Hibridas de Chá.



Figura 7 – Rosa 'La France' (a) e Rosa 'Rayon d'Or' (b)

Outro marco na história dos processos de hibridações de roseiras dá-se no início do século XX, quando Joseph Pernet-Ducher (1859-1928) cria a primeira roseira com floração amarelo puro, que até então ainda não existia. Surge assim, em 1910, a rosa 'Rayon d'Or' (fig. 7 b). Mais tarde, até à II Guerra Mundial, são introduzidas cultivares como *Etoile de Hollande*, *Betty Uprichard*, *Shot Silk*, *Mrs Sam McGredy*, *Crimson Glory*, entre outras igualmente importantes. Em 1935 é desenvolvida em Inglaterra a rosa *Peace*, também denominada 'Madame A. Meilland', por Francis Meilland. Esta variedade muito vigorosa e de floração grande, com uma mistura suave dos tons de amarelo e cor-de-rosa, tornou-se uma das mais famosas rosas do Mundo, reforçando o mediatismo das Hibridas de Chá.

Já nos anos 60 do século XX, David Austin (1926), funda a empresa David Austin Roses e cunha o termo *English Roses* para descrever os produtos da sua criação. Austin tenta combinar numa mesma planta algumas características das roseiras modernas – como a forte resistência a doenças e a floração continua), – com o charme das roseiras antigas – como a forma, a fragrância e a variedade de cores das flores (Schulman, s.d.).

2.1.5. Cuidados na plantação e manutenção das roseiras

Para potenciar a exibição das roseiras nos canteiros são essenciais alguns cuidados de manutenção ao longo do ano. Seguidamente apresentam-se as práticas mais importantes a ter em conta num roseiral, e no anexo VII pode consultar-se o Calendário de Manutenções, com a indicação destas tarefas mês a mês.

Sobre a localização e o solo

Um roseiral deve ser aberto e arejado e apanhar bastante sol. Deste modo, os canteiros devem encontrar-se afastados de grandes árvores, para que as suas copas não ensombrem as roseiras, e que as suas raízes não se aproximem do solo onde estas se encontram e compitam por água e nutrientes.

As rosas crescem em quase todo o tipo de solo embora prefiram um solo fértil, rico em húmus mas bem drenado, e ligeiramente ácido – pH 6.5 (The Royal Horticultural Society, 2010).

A preparação do solo é uma das etapas mais importantes na plantação de roseiras, uma vez que plantar em solos saudáveis permite que a planta aguente melhor as secas e desenvolva melhor crescimento e floração. Nesta matéria salienta-se a importância do uso de compostos orgânicos e adubos, assim como fungos benéficos, como as micorrizas, que através de relações simbióticas com as roseiras atuam ajudando na captação de água e nutrientes em zonas que as raízes não conseguem alcançar (Zimmerman, 2015). Por vezes poderá será necessário melhorar as características do solo de modo a garantir todas as condições necessárias ao cultivo das roseiras, mas também se deve selecionar as variedades adequadas às características do local.

De uma forma geral as novas roseiras não se dão bem quando plantadas em canteiros onde já estiveram outras roseiras por vários anos. Nestas condições o solo torna-se doente – "doença das rosas" (em inglês "Rose Sick). Este fenómeno não é totalmente compreendido, mas pensa-se que será provocado por esgotamento de oligoelementos e pelo acumular de doenças radiculares e parasitas. De algum modo, os exemplares antigos que já se encontram instalados nessas condições adaptaram-se e não parecem ser afetados, mas a introdução de um novo exemplar num meio com estas condições poderá levar a um condicionamento do crescimento da planta, sendo recomendada a substituição da camado superior do solo (Hessayon, 1993).

Sobre as plantações

A melhor época para a plantação das roseiras é durante os meses mais frios (de Novembro a Janeiro), assim que estas se encontrem em estado de dormência, no entanto poderão ser plantadas até ao final de Março (Reis, 2010).

No sentido de melhor exibir as roseiras, estas devem ser plantadas afastadas umas das outras, de modo a garantir o acesso em torno da planta sempre que se pretenda realizar alguma manutenção, ao mesmo tempo que se impede que as hastes e florações de uma planta se cruzem com as de outra,

prevenindo o risco de lesões. Uma grande densidade e proximidade entre as roseiras num canteiro impede uma eficiente circulação do ar, favorecimento o aparecimento e rápida propagação de doenças fúngicas. O espaçamento entre os exemplares é determinado pelo hábito de crescimento das variedades em questão (ver fig. 8).

Tipo de Roseiras	Distanciamento de plantação
Roseiras Miniatura	30cm
Hibridas de Chá e Floribundas	50cm -1m
Standards	1,20m
Trepadeiras	2m
Ramblers	3m

Figura 8 – Distanciamento entre roseiras de acordo com as suas classes.

Dead-heading

A remoção de flores mortas das roseiras – "*dead-heading*" – estimula o crescimento de novos rebentos e de mais flores durante a época de floração. Uma vez fertilizadas, as flores morrem, e quando deixadas na planta, para além do aspeto murcho e estragado, podem levar a um atraso de produção de novas flores abaixo do antigo cacho. O "*dead-heading"* deve deixar de se fazer no outono, para não continuar a estimular-se novos rebentos que não aguentariam as baixas temperaturas da nova estação (The Royal Hoticultural Society, 2007).

Podas

O resultado de uma roseira deixada por podar é um conjunto emaranhado de madeira viva e morta, com floração de baixa qualidade em ramos fracos. Deste modo, o objetivo da poda é livrar a planta dos ramos velhos e exaustos todos os anos e encorajar o desenvolvimento regular de hastes fortes e saudáveis (Hessayon, 1993). Segundo Paul, a dificuldade desta prática prende-se com o facto de existir grandes diferenças de umas variedades para as outras, em hábito e carácter de crescimento. De um modo geral, o tipo de poda é determinado pelo que se pretende de cada roseira, isto é, se se pretender obter uma "*standard",* esta deverá ser podada de modo diferente do que uma roseira arbustiva (Paul, 1903).

As limpezas e podas devem ser efetuadas quando as rosas estão dormentes, no outono[6], ou no final do inverno, antes de reiniciar o crescimento (Reis, 2010).

Devem ser primeiramente removidas as hastes cruzadas, mortas, doentes ou danificadas, procurando formar uma estrutura aberta, robusta e equilibrada. A partir daqui a poda deve ser efetuada dependendo do tipo de roseira em questão.

As Hibridas de Chá já estabelecidas devem ser podadas moderadamente, sendo as hastes removidas em cerca de metade do seu comprimento. Deste modo pode esperar obter-se uma floração de grande qualidade.

As Floribundas, tal como as Hibridas de Chá, deverão ser podadas moderadamente, no entanto, neste tipo de roseiras os ramos velhos devem ser submetidos a podas mais vigorosas, enquanto os novos rebentos, aparecidos no ano anterior, devem ser podados apenas ligeiramente.

As "*standards"* de Hibridas de Chá e Floribundas devem ser submetidas a podas moderadas, efetuadas de modo a formar uma cabeça equilibrada. Neste caso, podas mais fortes devem ser evitadas para que não cresçam ramos muito vigorosos que possam comprometer a forma desta estrutura.

Quanto às trepadeiras e às *"rambler"*, o método correto de poda depende da variedade em questão. Contudo, de uma maneira geral, estas roseiras podem ser podadas levemente, removendo apenas a madeira velha e podando um pouco os ramos laterais após a floração (Hessayon, 1993).

Finalmente nas roseiras miniatura deve podar-se apenas ligeiramente, removendo madeira morta ou doente e dando forma ao arbusto (Hessayon, 1993).

Necessidades Hídricas

Embora consigam suportar situações de verão quente, e até alguma secura, as rosas necessitam de bastante água para um crescimento saudável, especialmente quando recentemente plantadas. Nas situações de secura a floração poderá ser mais rápida, com flores mais pequenas e colorações mais fracas. Por outro lado, em épocas de muita precipitação, as flores são facilmente estragadas pela chuva.

Regar em pouca quantidade e com muita frequência pode encorajar um sistema radicular superficial. Em vez disso é preferível regar-se abundantemente e menos vezes, de modo a embeber o solo em torno das raízes (The Royal Hoticultural Society, 2007). Para evitar ataques de fungos, é aconselhado deixar secar bem o solo entre regas, para que as raízes não fiquem permanentemente molhadas (Zimmerman, 2015).

[6] Ao podarem-se os ramos supérfluos no outono diminui-se o número de canais pelos quais a matéria tem que circular, e os gomos dos ramos que ficam terão muito mais nutrientes. Esses ramos aumentam de tamanho, e quando a primavera chegar, vegetarão com grande vigor (Paul, 1903)

Fertilizações

A fertilização deve ser feita na primavera, antes das folhas estarem completamente abertas. Aplicar entre 20 a 50g de fertilizante à volta de cada roseira com o solo húmido e sachar levemente. No verão, em Junho ou Julho, realizar nova aplicação.

Por vezes pode também aplicar-se fertilizante mensalmente desde Abril até ao final de Julho. Esta prática é útil quando um grande número de roseiras tem que ser fertilizado (Hessayon, 1993).

A aplicação de fertilizantes deve cessar-se a partir do início do Outono de modo a não encorajar o crescimento de caules sensíveis que possam ser danificados no Inverno.

Aplicação de Mulch

A aplicação de uma camada de material orgânico volumoso, na superfície do solo, em volta das roseiras ajudará a manter os níveis de humidade e temperatura do solo; reduz o crescimento de ervas indesejáveis nos canteiros; melhora a estrutura do solo, e consequentemente a sua qualidade; reduz o ataque do "Black spot", a doença das pintas pretas. Os materiais mais adequados são a turfa húmida, matéria orgânica naturalmente decomposta, folhas decompostas, casca de árvore e palha. A época ideal para as aplicações do mulch é no final de Abril e início de Maio. Antes da aplicação devem ser removidas as ervas e as folhas mortas do canteiro e regar-se a superfície do solo, e seguidamente deve ser espalhada uma camada em torno das roseiras. Alguns especialistas recomendam a aplicação no outono como sendo mais vantajosa. Neste caso o processo deverá ser efetuado em Outubro, antes do solo arrefecer (Hessayon, 1993).

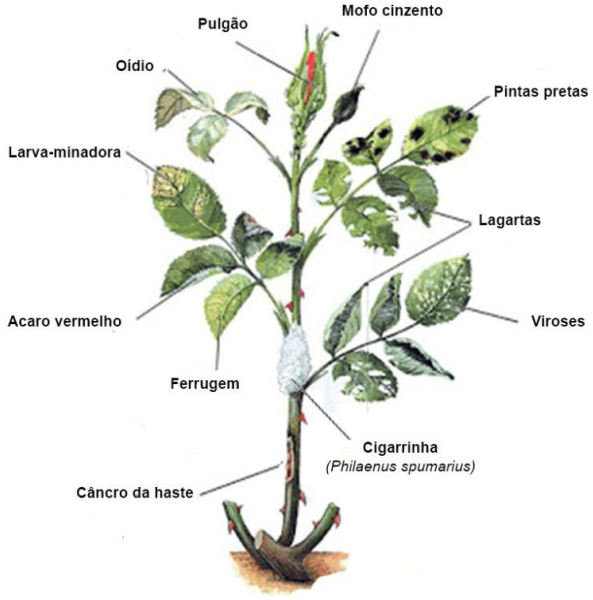


Figura 9 – Doenças e pragas mais comuns nas roseiras.

Doenças e Pragas

Afídios, oídio, míldio, fumagina, e ferrugem são algumas das doenças que podem afetar as roseira (fig. 9). Algumas destas doenças são bastante sérias, na medida em que comprometem o estado sanitário da planta. Existem algumas cultivares bastante resistentes a este tipo de ataques, embora não sejam completamente imunes, pelo que devem ser sempre aplicadas medidas preventivas (Hessayon, 1993).

O oídio é uma das doenças mais comuns nas roseiras, afetando a maioria das variedades. Trata-se de uma doença causada pela ação do

fungo *Sphaerotheca pannosa* (Wallr.) Lév., que conduz à redução do valor estético da planta, neste caso diminuindo a produção e qualidade das flores, e provocando um menor crescimento da roseira. A 'doença das pintas pretas', (conhecida por 'Black Spot', em inglês) caracterizada precisamente pelo aparecimento de manchas circulares de cor escura nas folhas da roseira, é provocada pelo fungo *Diplocarpon rosae, e* é também uma das doenças mais prejudiciais à roseira, podendo ser limitante na produção de flores. O controlo com fungicidas homologados pode ser necessário no caso de a doença já estar instalada, contudo, preventivamente devem ser evitadas plantações em áreas sombrias e húmidas; deve promover-se a circulação do ar; não fertilizar em excesso; remover do local ramos e folhas mortas ou com sintomas e queima-las ou enterra-las (Illinois, 1998). No anexo V encontram-se resumidas as principais doenças fúngicas que atacam as roseiras, bem como algumas formas de combate através de meios biológicos.

No caso das pragas, as mais comuns e prejudiciais são os afídios, que sugam a seiva, debilitando a planta e arruinando a floração. Ao segregarem uma espécie de melaço, os afídios podem atrair formigas, favorecendo o aparecimento do fungo fumagina (Hessayon, 1993). Para infestações mais pesadas, é necessário aplicar um jato forte de água ou pulverizar a planta com água e sabão, de forma a desalojar a respetiva praga.

2.2. Os Roseirais

2.1.1. Origens e evoluções desta tipologia de jardim

"(…) since we give even the cabbage a patch and the potato a plot, Each to itself, why not the rose, the Garden Queen? (…) this is the only loyal way of growing the royal flower"
(Thomas, 1913, pp. 157,158)

Um rosal (do latim *rosāle*, "relativo a rosas", meados do século XV), ou roseiral (*roseira +al*, plantação de roseiras), é um espaço específico para a plantação e exibição de várias espécies e variedades do género Rosa (Editora, 2003-2015). A existência destes espaços é provavelmente tão antiga quanto o gosto pelo cultivo desta planta.

A tipologia destes jardins pode variar bastante, e as rosas podem ser exibidas junto a outras plantas ou serem agrupadas por variedade, cor ou classe em canteiros de rosas. A forma mais popular de cultivar rosas é em roseirais formais, nos quais a elegância clássica das roseiras é exibida em canteiros. As classes de roseiras mais usadas para este fim são as Hibridas de Chá ou Floribundas nas suas formas arbustivas ou "*standard"*, agrupadas em blocos de cores nos canteiros. (The Royal Hoticultural Society, 2007).

Apesar de as roseiras serem desde cedo plantadas separadamente do resto do jardim, a ideia de um espaço dedicado inteiramente a esta planta foi provavelmente introduzida por Josefina, Imperatriz de França (1763-1814), que conseguiu reunir nos jardins do seu Castelo de Malmaison muitas das espécies e cultivares

conhecidas até então, num jardim dedicado apenas a roseiras. A partir daí as roseiras terão começado a ser separadas assumidamente das outras plantas e do resto do jardim.

O início do século XIX ficou deste modo marcado pelo realce dado aos roseirais. A variedade de cultivares começava a crescer, sendo a procura de espécies novas ou raras o objetivo principal (Albuquerque, 2006). Malmaison foi o primeiro de muitos roseirais em França, como o roseiral de Bagatelle, em Bois de Boulogne, Roseiral do *Jardin du Luxembourg* e o *roseraie* de l'Hay-les-Roses, em Paris, que demonstram o ideal francês de um roseiral (Fearnley-Whittingstall, 1989).

No capítulo seguinte analisam-se os modelos preferenciais na conceção destes jardins que terão influenciado muitos jardineiros paisagistas e projetos como o do Roseiral de Serralves.

2.1.2. Características gerais do traçado e composição dos roseirais formais

Nas várias obras sobre Rosas e Roseirais do início do século XX, muitos foram os autores que descreveram os princípios fundamentais para a conceção de um jardim de rosas[7]. Num discurso de "faça você mesmo", era revelado ao jardineiro amador, a quem normalmente estas obras se dirigiam, o caminho certo para alcançar um roseiral ideal, seguindo as ideias formais do século.



Figura 10 - Exemplo de maciços de cores nos canteiros de um roseiral formal.

No seu livro *The Rose Book (1913)* Harry Thomas referia que o roseiral deveria situar-se próximo da casa, embora devesse permanecer resguardado, para que a sua presença não fosse revelada até que o visitante o alcançasse: "*let the fragrant petals proclaime its whereabouts, luring the visitor with dreams of rose beauty before he is permitted a view of the roses themselves"* (Thomas, 1913).

Segundo William Paul, no seu livro *The Rose Garden*, os canteiros deveriam possuir formas regulares e muito simples, normalmente quadradas, circulares ou ovais, de maneira a contrastarem com o carácter desalinhado das plantas (Paul, 1903, p. 31). Canteiros de formas muito elaboradas eram desaconselhados, pois desviariam o olhar e roubariam a atenção às roseiras: *"It is the greatest mistake to have beds of grotesque and fanciful design. They distroy the sense of charm and peace (…) and tend to distract attention from the flowers themselves"* (Thomas, 1913, p. 161).

[7] William Paul, com a sua obra The Rose Graden in Two Divisions, de 1903; Harry Higgott Thomas, com The Rose Book, de 1913; Thomas William Sanders, com Roses and their cultivation, em 1917, e mais tarde Andrew Foster-Melliar, com The Book of the Rose, em 1894 foram alguns dos mais importantes escritores sobre esta matéria.

Paul sugeria que em jardins de maiores dimensões poderiam separar-se as cultivares que floresciam no Verão das que floresciam no Outono, através de uma fila de roseiras conduzidas ao longo de pérgulas, ou por uma vedação coberta de roseiras trepadeiras.

Ao preencher os canteiros deveria optar-se apenas por uma variedade de rosa por canteiro, e tanto Paul como Thomas, defendiam o preenchimento de canteiros com roseiras da mesma cor, em detrimento de canteiros formados por roseiras de cores diferentes,*"fill each [bed] with a distinct variety (…) is preferable to grouping roses of mixed colours."* (Thomas, 1913, p. 163). David Austin, embora da mesma opinião, defende a plantação pontual de roseiras misturadas em canteiros mais pequenos, por exemplo, de modo a permitir alguma alternação de variedades no jardim (Austin, 2009). Neste caso deveria plantar-se cinco ou seis plantas da mesma cultivar juntas, de modo a formar aglomerados substanciais de cor (fig.10), já que nem todas as cultivares atingem o seu pico de floração ao mesmo tempo.

Tipicamente o centro do roseiral deveria ser marcado por algum elemento decorativo e alguns autores sugeriam: "*crown it with a sundial or old well-head or open arbour encircling a little pond*" (Thomas, 1913, p. 162).

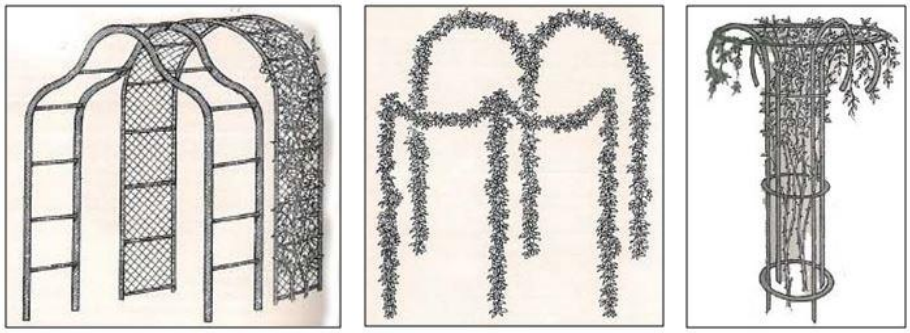


Figura 11 – Elementos decorativos típicos de um roseiral formal. A última figura desta imagem retrata uma estrutura bastante semelhante com a que se consegue ver nas fotografias Alvão do Roseiral de Serralves.

O jardim devia também conter pilares, arcos, pérgulas e outros elementos decorativos que quebrassem a uniformidade e criassem a oportunidade de plantar roseiras com diferentes formas de crescimento e com diferentes períodos de floração (fig.11,12 e13), *"Pillar roses and weeping standards are very useful for destroying the monotony of level that is rather painful in the average rose gardens"* (Thomas, 1913, p. 163).

Quanto aos caminhos, era unânime a preferência dos caminhos relvados pelos autores referidos, no entanto são conhecidos alguns roseirais da época, principalmente em zonas mediterrânicas, nos quais eram utilizados os pavimentos, uma vez que o uso do relvado seria pouco recomendado. Alguns autores, como Thomas, defendiam até que *"Paths paved with brick or stone look specially charming, and I think are even more appropriate than grass (…) because they afford a dry footing and an aesthetic value in that they lend an old-world atmosphere, and emphasised the old-world character"* (Thomas, 1913, p. 161).

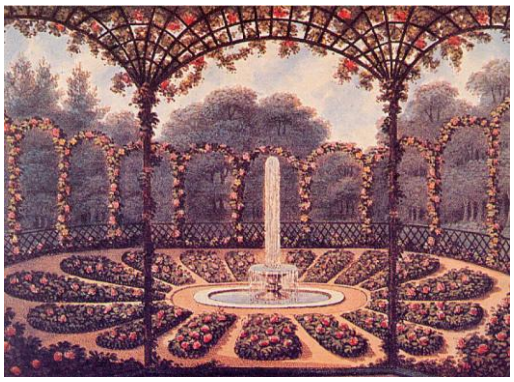


Figura 12 - Desenho do Parque Ashridge em Hertfordshire, Inglaterra, por Humphry Repton (c. 1800).

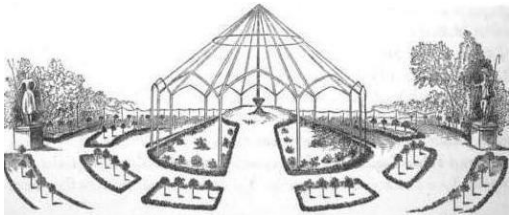


Figura 13 - Exemplo de um jardim de roseiras com diversas formas e alturas.

William Paul referia ainda a importância de existir no jardim um ponto mais alto: *"It is desirable that the Rosarium should have a raised spot from which a bird's-eye view of the whole may be obtained during the season of flowering"* (Paul, 1903, p. 32). Para além disso, o roseiral devia ser cercado, por muros ou sebes vivas. Para além destas protegerem as roseiras dos ventos fortes, impediam que se avistasse o jardim de longe, garantindo o efeito surpresa (Thomas, 1913, p. 160)

No início do século XX, com Gertrude Jekyll (1843-1932) começou-se a alargar o uso da roseira na jardinagem, para que esta deixasse de ser considerada restrita aos roseirais, passando também a surgir em hortas, e pequenos jardins (Albuquerque, 2006). Jekyll defendeu ainda que se repensasse o desenho dos jardins de roseiras, tendo em conta as diferentes formas que os canteiros podiam ter para que as roseiras ficassem expostas da melhor maneira. Jekyll foi assim bastante influente na criação do movimento *Arts & Crafts* do final do século XIX, combinando *designs* livres e formais, tornando o jardim de rosas mais interessante (Reis, 2010).

A partir da segunda metade do século XX, o ênfase dado aos roseirais começa a perder-se, provavelmente devido aos grandes investimentos de manutenção de que estes espaços necessitam; a falta de valor estético na fase do ano em que o jardim não possui flores; e o crescente interesse em jardins que representassem paisagens naturalizadas, em que a diversidade de espécies é defendida, em detrimento dos jardins formais que até então se viam (Reis, 2010).

Plantações e composições dos canteiros

Acerca da plantação nos roseirais formais, de uma maneira geral todos os autores defendiam que estes jardins deveriam ser compostos apenas por roseiras[8], *"generally it offends against the canons of rose growing to plant the Queen among her subjects."* (Thomas, 1913, p. 157).

[8] Mais tarde, alguns autores como Gertrude Jekyll e William Robinson vieram propor a introdução de outras plantas entre as roseiras. Jane Fearnley-Whittingstall, no seu livro *Rose Gardens*, relembra a opinião de Robinson (1838-1935) quanto a este assunto, que dizia que a melhor forma de exibir as rosas não seria certamente numa base de terra com adubo e palha (Fearnley-Whittingstall, 1989, p. 128). Do mesmo modo Fearnley-Whittingstall defende que a complementaridade das roseiras com pequenos arbustos, plantas vivazes e bolbos nos canteiros, com arranjos interessantes de cores, proporcionariam um agradável conjunto, e possibilitariam o prolongamento da floração no

Tal como defendiam os autores desse tempo, Jane Fearnley-Whittingstall, na sua obra *Rose Gardens* (1989) sugere que se tenha em atenção as variações de alturas, perfumes e florações das diferentes cultivares, devendo jogar-se com essas diferenças. Por exemplo, os canteiros adjacentes a muros ou sebes tornam-se mais atraentes se as roseiras da frente forem mais baixas do que as de trás, enquanto as roseiras "*standard"* podem ser usadas para atribuir escala vertical, podendo colocar-se estas roseiras a marcar o centro de um canteiro, ou várias ao longo de um canteiro maior, para quebrar a uniformidade (Fearnley-Whittingstall, 1989).

Segundo Paul (1903), a variedade de características nas roseiras de um roseiral era apreciada. Nenhum grupo devia ser deixado de parte, devendo escolher-se algumas variedades de cada, a não ser que a qualidade do substrato não o permitisse. A escolha das variedades deverá basear-se essencialmente no tipo de roseiral que se pretende: produção, para competições de horticultura, por exemplo, ou apenas como jardim de exposição, tentando reunir-se o maior número de variedades possível (Paul, 1903). Contudo, existem grupos mais populares para a exposição em roseirais, como é o caso das Hibridas de Chá e das Floribundas, cultivadas pelos criadores para florescerem continuamente. Já por volta de 1913, Thomas escrevia no seu livro *The Rose Book*, sobre a rápida e exponencial ascensão das roseiras Hibridas de Chá, que em tão pouco tempo já se teriam tornado nas mais populares e mais utilizadas nos roseirais.

Foi realizado um levantamento bibliográfico das cultivares de roseiras mais comercializadas desde o início do século XX até ao final dos anos 30 do mesmo século, época em que se insere a construção do Roseiral de Serralves, baseado na consulta dos catálogos dos hortos portuenses e internacionais mais importantes da época. Esta pesquisa foi posteriormente depurada e sintetizada numa listagem das cultivares mais adequadas para servir a fase de proposta (ver anexo XII).

---

jardim, para além da época de floração das roseiras (Fearnley-Whittingstall, 1989). Contudo, e ainda que apresente vantagens, este complemento de espécies não é uma característica dos roseirais formais.

III. O Roseiral do Parque de Serralves – '*Site analysis*'

3.1. Localização no Parque

O Roseiral em estudo encontra-se inserido no Parque de Serralves, localizado na Rua Dom João de Castro, freguesia de Lordelo do Ouro, no Porto.

Dentro do Parque, que se estende por 18 hectares e envolve a Casa e o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, o Roseiral situa-se a oeste da Casa e do *Parterre* Central, e é confinado a norte pela Alameda dos Liquidâmbares, a sul pelos Jardins do Museu, e a este pelo Jardim do Relógio de Sol e pelo Campo de Ténis (fig. 14).



Figura 14 -- Localização do Roseiral no Parque (área sinalizada a cheio).

3.2. O nascimento de um Roseiral

Até hoje desconhecem-se qualquer projeto para o Roseiral do Parque de Serralves. Nas últimas plantas conhecidas de Gréber, datadas de 1932, este jardim surgia como uma horta – *potager*, destinando-se a área de roseiral apenas à pérgola[9]. O tamanho e a forma desta área eram os que se podem ver nas plantas das figuras 15 e 16, onde se sobrepôs o traçado do roseiral atual, de modo a que se possam comparar as diferenças detetadas na sua evolução.

[9] Na planta de Gréber de 1932, pode ler-se sobre esta área a palavra "*potager*" e sobre a pérgola '*roseraie*', o que indica que apesar de o projeto para este local ser inicialmente concebido como uma horta, Gréber já tinha planos de introduzir aqui uma área com roseiras.

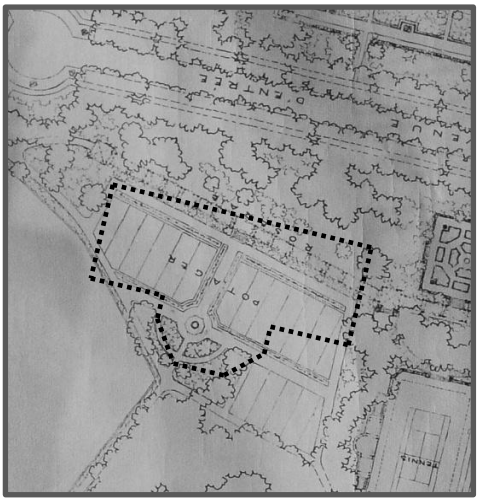


Figura 15 – Planta de Jacques Gréber, Setembro 1932, Paris. Sobreposição da forma atual do roseiral, a tracejado.

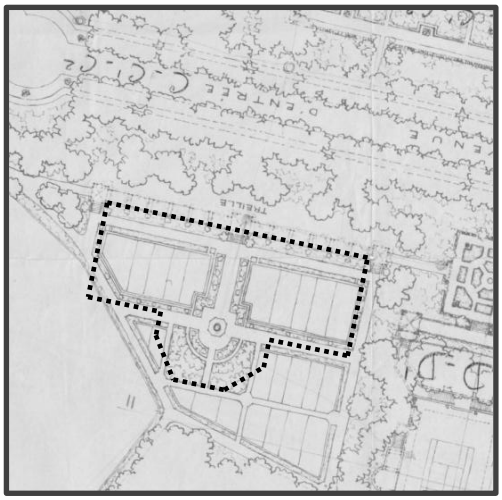


Figura 16 – Alterações efetuadas ao projeto. Jacques Gréber, Setembro 1932, Paris. Sobreposição da forma atual do roseiral, a tracejado.

A figura 15 mostra um excerto de uma planta que se pensa ser a mais antiga que Gréber traçou para Serralves, uma vez que se conseguem identificar no desenho certas opções projetuais que não avançaram na construção.

Neste desenho, a localização do jardim no Parque é a mesma que a atual, como se pode confirmar pelo posicionamento de outros elementos de referência visíveis na planta, como o Jardim do Relógio de Sol, o Campo de Ténis e a Alameda dos Liquidâmbares. No entanto, relativamente à sua orientação, este jardim ainda não se encontrava paralelo à álea dos liquidâmbares, como acontece hoje, encontrando-se ligeiramente inclinado.



Figura 17 – Fonte de granito na antiga Quinta de Lordelo, antes das alterações feitas pelo Conde de Vizela na propriedade. Fotografia Beleza, 1920.

A planta da figura 16 é também referente a Setembro de 1932, no entanto já apresenta modificações mais próximas à situação atual. A orientação do jardim encontra-se já paralela à Alameda dos Liquidâmbares, e com o espaço que sobrou a sul, com este desvio de posicionamento, os canteiros foram alargados. Da análise destas plantas, importa ainda salientar a existência de dois elementos que se observam desde estes primeiros desenhos até ao jardim atual: a pérgola e a fonte a demarcar o centro do jardim, proveniente da antiga Quinta de Lordelo (fig.17).

Nas fotografias que registam a construção em 1936, em vez de uma horta distingue-se já um roseiral, bastante semelhante ao atual, e no levantamento topográfico de Carlos Milho, em 1939 (fig. 18), confirma-se o desenho do perímetro do jardim e dos canteiros interiores tal como existe hoje em dia (fig. 19).

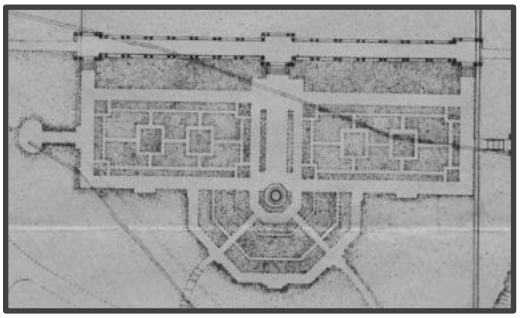


Figura 18 – Levantamento de Carlos Milho, 1939

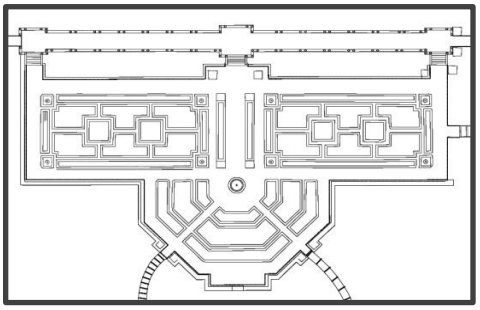


Figura 19 – Traçado atual do roseiral

Ainda que não se tenha conhecimento dos registos projetuais do Roseiral, assume-se com alguma certeza que o seu autor tenha sido Jacques Gréber. Sendo este um arquiteto internacional tão importante na época, dificilmente as suas intenções seriam substituídas pelas de outro autor. O '*potager'* poderá ter sido uma primeira intenção que depois terá sido repensada. Quando Gréber iniciou os seus planos, os terrenos adjacentes à rua D. João de Castro (onde hoje se encontra o Museu) ainda não tinham sido adquiridos. No levantamento topográfico de Carlos Milho consegue ver-se essa aquisição, onde foi projetada uma horta que ocupava toda essa área. Talvez por esse motivo, o '*Potager'* junto à pérgola deixasse de fazer sentido, e o "*Roseraie*" pudesse crescer para além da pérgola e ser convenientemente desenhado segundo os padrões clássicos da época (Marques, 2015. Informação Verbal).

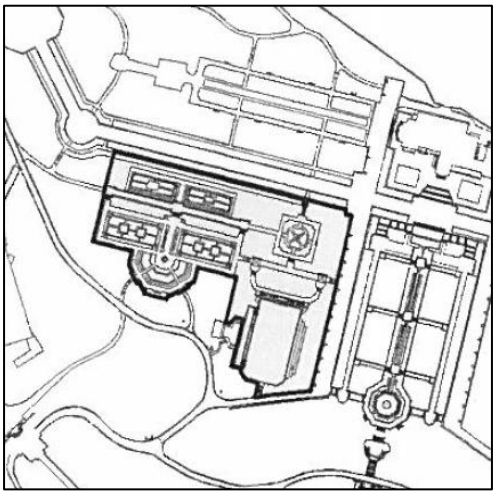


Figura 20 – Pormenor da planta da situação do Parque antes das obras de recuperação, onde se pode ver o roseiral previamente acrescentado, entre a álea dos liquidâmbares e a pérgola.

A única obra de alteração do Roseiral que se tem conhecimento, ocorre já sobre a alçada dos filhos de Delfim Ferreira, o Roseiral é alargado para o patamar superior, na orla entre a álea dos liquidâmbares e a pérgola (fig. 20). Este novo traçado permanecerá até às obras de recuperação do Parque de Serralves, desenvolvidas entre 2000 e 2003.

3.3. A situação atual – Análise do local

A situação atual do roseiral foi analisada segundo os parâmetros morfológicos, estruturais, florísticos, edafoclimáticos, e de composição de materiais e estruturas construídas, fazendo a comparação, sempre que possível, com o passado deste jardim (fig. 21).

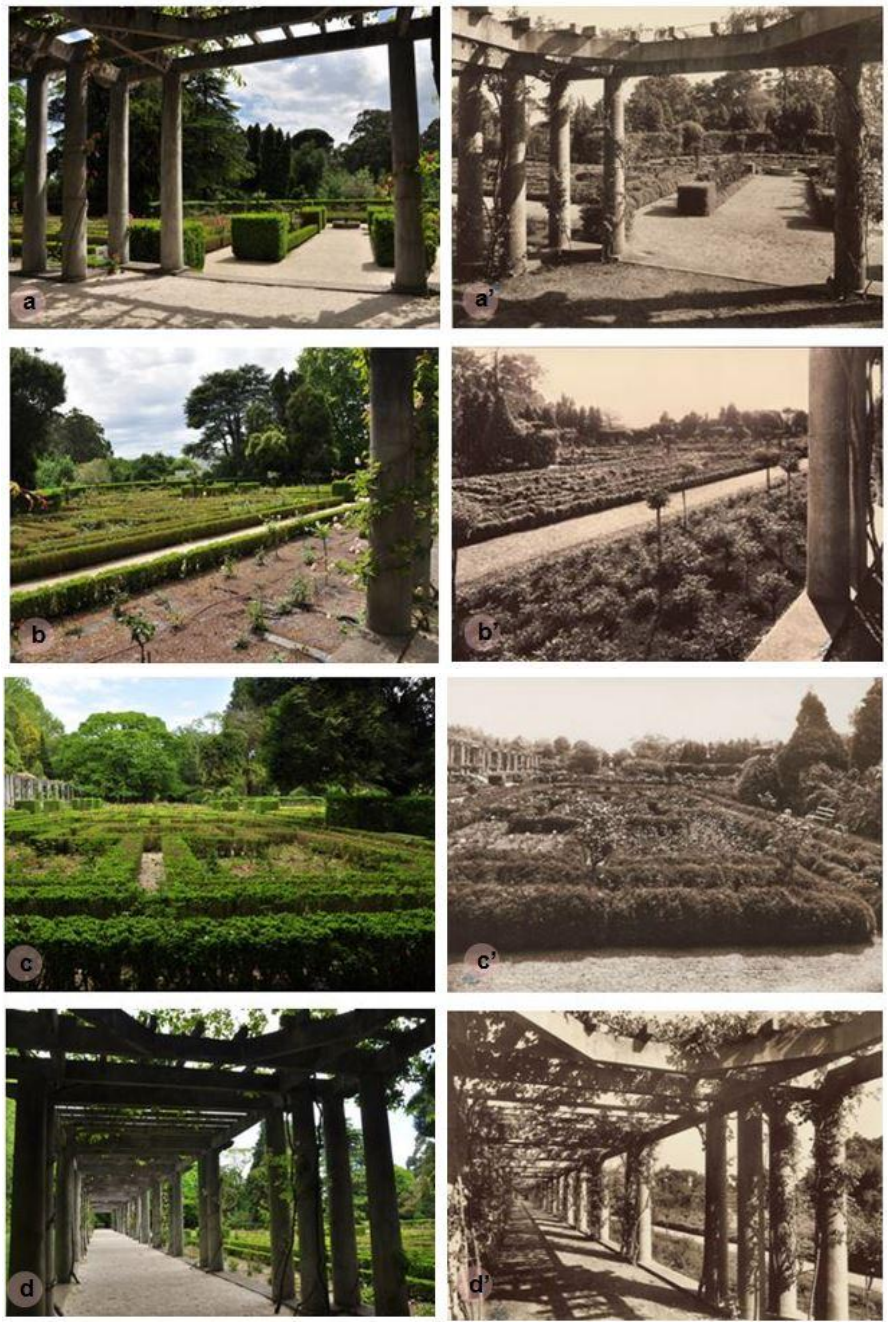


Figura 21 - Comparação do aspeto atual do Roseiral (a-d) com os finais da década de 40 (a'-d').

Localização, acessos e estrutura

A localização atual do Roseiral no Parque mantém-se igual à sua localização original, apresentada no ponto 3.1. deste capítulo. O acesso ao jardim (assinalado com setas na imagem) pode ser feito a Norte, pelas duas extremidades da pérgola, a Este pelo Jardim do Relógio de Sol, ou ainda pelas duas entradas a Sul.

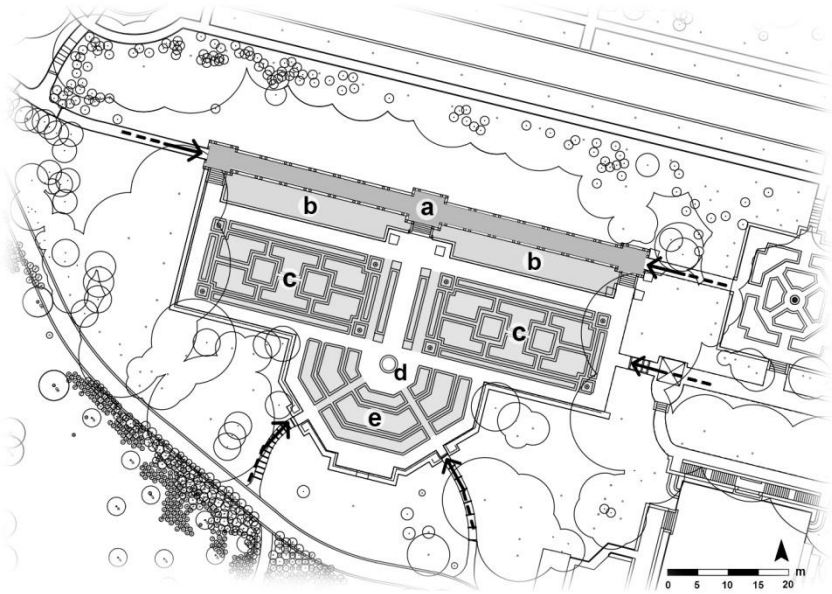


Figura 22 – Estrutura e acessos do Roseiral de Serralves.

Quanto à sua estrutura, este jardim apresenta atualmente uma área de cerca de 2.490 m^2 sendo constituído por diferentes áreas:

- O patamar superior com a pérgola, de onde se pode contemplar todo o jardim (fig. 22 a);
- Dois canteiros adjacentes à pérgola, com forma retangular, ladeando os 3 conjuntos de escadas que fazem a ligação entre os dois patamares (fig. 22 b);
- Dois grandes canteiros retangulares principais no centro do jardim, compostos por vários canteiros mais pequenos limitados por sebes de buxo, com formas intrincadas, encaixados como peças de puzzle (fig. 22 c). É possível circular entre estes canteiros interiores, que se encontram separados por um estrito caminho de gravilha com cerca de 60 cm. O remate dos canteiros retangulares principais é feito com quatros canteiros lineares, a todo o comprimento, enquanto nos cantos surgem pequenos canteiros quadrados, onde se encontram as estruturas de ferro para as roseiras trepadeiras.
- A fonte proveniente da antiga quinta de Lordelo, a centrar o jardim. (fig. 22 d)
- Um terceiro canteiro principal, com uma forma semi-octogonal, também ele constituído por vários canteiros mais pequenos envolvidos por sebes de buxo, e entre os quais também se pode circular (fig. 22 e).

Envolvente

O Roseiral surge como uma sala exterior, envolvida pelo Jardim do Relógio de Sol, o Campo de Ténis e a Alameda dos Liquidambares (fig. 23)

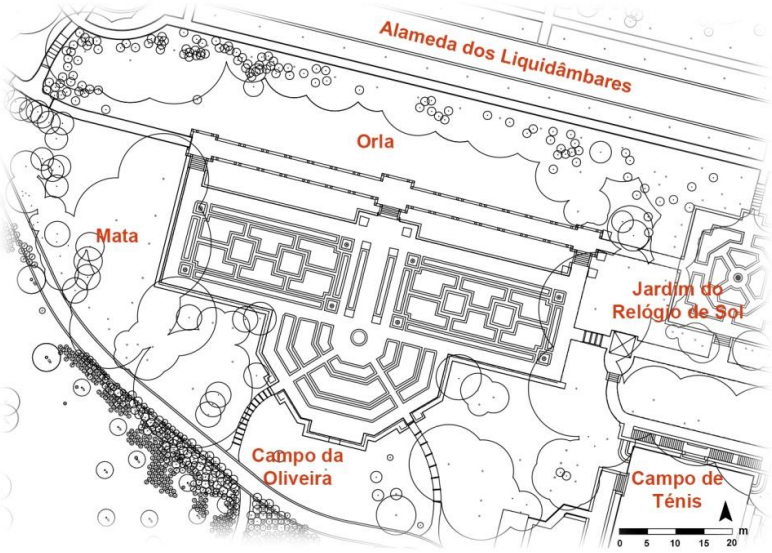


Figura 23 – Áreas envolventes ao Roseiral

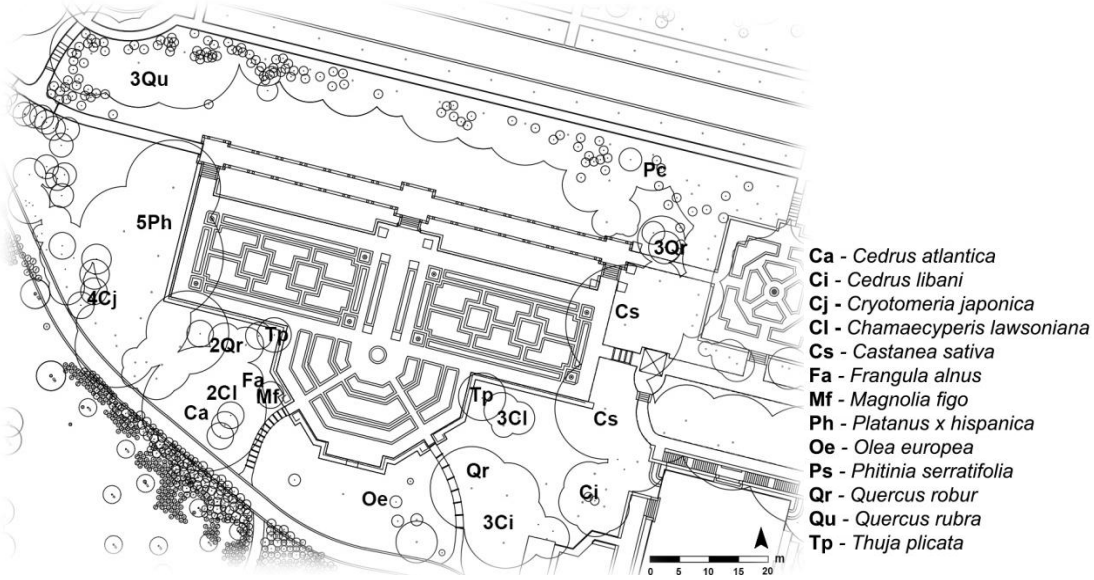


Figura 24 – Principal vegetação arbórea da envolvente do Roseiral

O jardim é fechado por sebes altas de ligustro (*ligustrum ovalifolium*) seguida por um pano de fundo composto por várias espécies arbóreas (fig. 24) plantadas já nos anos 30, como tuias (*Thuja plicata*), cedros (*Cedrus libani* e *Cedrus atlantica*), criptomérias (*Cryptomeria japonica)*, plátanos (*Platanus* x *hispanica*), carvalhos (*Quercus Robur*), e os liquidâmbares da Alameda (*Liquidambar styraciflua)*. Esta avultada cortina de vegetação maturada de tonalidade variada e formas estruturantes muito recortadas, emoldura e resguarda

o roseiral. Existem ainda alguns exemplares isolados que potenciam ainda mais a envolvente deste espaço, como um castanheiro *(Castanea sativa)* que, pelas suas dimensões e beleza, integra agora o Percurso de Árvores Notáveis de Serralves, uma oliveira milenar (*Olea europaea* L.) a marcar as entradas a sul do jardim, e ainda uma enorme fotínia (*Photinia x serratifolia)*. Relativamente às espécies arbustivas destacam-se os Rododendros (*Rhododendron sp*.), as Aucubas (*Aucuba japonica*); Euónimos (*Euonymus japonicus*), os Pilriteiros (*Crataegus monogyna)* e os Folhados (*Viburnum tinus*).

Fisiografia

Relativamente aos declives o Roseiral apresenta atualmente a morfologia original, com declives praticamente imperceptíveis, a decrescer suavemente para sul.

O jardim situa-se numa das áreas mais elevada do Parque, implantado à cota 60, e o patamar da pérgola encontra-se sobre-elevado deste 1 metro (cota 61).

Material vegetal

Roseiras:

Segundo os levantamentos efetuados (ver anexo IX), existem atualmente cerca de 1700 pés de roseiras neste roseiral. Embora não se tenha registos do conteúdo original dos canteiros, da análise das fotografias Alvão dos anos 40 parecia distinguir-se nos canteiros uma certa uniformidade morfológica das plantas, o que faz supor que cada um contivesse apenas um tipo de roseira (fig. 21 c-c'). Hoje, já não existe essa uniformidade, as roseiras surgem de forma aleatória, misturando-se cores e variedades em cada canteiro. Os canteiros parecem não seguir uma matriz de plantação (em quadrado, em quincunce, etc.) e o compasso de plantação entre os exemplares nem sempre é o mesmo, o que confere um aspeto desorganizado aos canteiros. Alguns apresentam uma densidade excessiva, enquanto outros se verifica uma quantidade insuficiente de exemplares.

Ainda da comparação com as fotografias antigas, verifica-se atualmente um menor revestimento da pérgola (fig. 21 a-a' e d-d'), e uma menor quantidade de roseiras "*standard"* a pontuar os canteiros (fig. 21 b-b'), face ao que existia na altura.

As roseiras existentes neste roseiral não se encontram até à data identificadas, contudo foi efetuado um levantamento dos exemplares de roseiras nos canteiros, disponível no anexo IX. Da análise efetuada no local, e segundo o estudo acerca da espécie Rosa, apresentado no capítulo II, apenas foi possível identificar-se as várias tipologias de roseiras existentes, como trepadeiras e remontantes, arbustivas, "*standard"* e miniaturas. Desconhece-se, no entanto, a idade destas roseiras ou se existirão ainda alguns exemplares originais, embora se estime, pela espessura de alguns pés, que alguns exemplares sejam muito antigos. Segundo os jardineiros José Sousa e Augusto Moreira (Março, 2015. Informação verbal), deduz-se que estas

roseiras sejam na sua maioria Hibridas de Chá. Durante muitos anos as roseiras foram propagadas por estaca de uns canteiros para os outros, sem obedecer a qualquer plano de plantação. O cultivo destes canteiros evoluiu então de forma não controlada, pelo que o seu conteúdo poderá hoje divergir bastante da situação original.



Figura 25 – Doença das pintas pretas (Black spot) identificada no Roseiral de Serralves. 2015.

Relativamente a plantações feitas neste roseiral apenas se sabe, segundo registos do arquivo do Parque de Serralves, que em 1989 testou-se a introdução de algumas roseiras antigas numa pequena área do roseiral, mas estas acabaram por não vingar (ver anexo VIII). A 7 de março de 1998 registou-se a plantação de roseiras trepadeiras na pérgola, que à data já se encontrava pouco revestida. As espécies encomendadas para cobrir esta estrutura foram a New Dawn; Souvenir de la Malmaison, Étoile de Hollande, Dorothy Perkins; Albertine, Albéric Barbier; Sander's White; Princess Louise e a Félicité Perpétue (ver anexo VII). Mais tarde, numa planta de 1998 podem ver-se manuscritos os nomes das roseiras de Sta. Terezinha e Belle Portugaise sobre o desenho da pérgola.

Quanto ao estado fitossanitário das roseiras encontram-se alguns exemplares atacados por doenças fúngicas, principalmente oídio e *Black Spot*, como é o caso do exemplar apresentado na fig. 25.

Buxo:

Os canteiros de roseiras são limitados por sebes baixas de *Buxus sempervirens* var 'nana', talhadas em formas ortogonais, com cerca de 0.5m de altura. Esta sebe desempenha funções estruturantes no roseiral. Para além de separar os canteiros dos caminhos, protegendo as roseiras no seu interior, deveria garantir ao jardim um aspeto verde e viçoso, principalmente quando as roseiras estão sem flores.

No entanto, atualmente o buxo sofre de um sério problema que poderá pôr em causa a continuidade da sua utilização em sebes talhadas. Trata-se de uma doença vulgarmente conhecida por "míldio do buxo", que surgiu na década de 90, provocada pelo fungo *Cylindrocladium buxicola* Henricot (Chicau, 2009), também denominado *Calonectria pseudonaviculata* (Chalkley, D., 2015). Esta doença ataca todas as espécies *Buxus*, embora umas sejam mais susceptíveis do que outras (ver anexo VI) e manifesta-se principalmente nas sebes talhadas, por haver menor arejamento na planta, e pela contínua abertura de



Figura 26 – Aspeto do Buxo doente, 2015.

feridas provocada pela poda, que pode promover o alastramento da doença. O arbusto torna-se seco e com um aspeto pouco saudável, acabando normalmente por entrar em processo de desfoliação (fig. 26).

Algumas medidas de prevenção podem ser aplicadas mas acabam por não ser muito eficazes, e de acordo com os resultados dos últimos estudos da Universidade Estatal da Carolina do Norte, assim que o fungo se encontre instalado na planta, é muito difícil de ser erradicado, e nem os fungicidas conseguem controlar eficazmente a doença (Bush, et al., 2014). A remoção do exemplar doente, ou das suas partes contaminadas, não se traduz por si só numa erradicação efetiva da doença no local, uma vez que o fungo produz estruturas de sobrevivência que podem persistir no solo durante 5 a 6 anos (Bush, et al., 2014).

No roseiral de Serralves o buxo apresenta grandes marcas desta doença. Embora já tenham sido dirigidas algumas intervenções de combate, a doença foi progredindo. Atualmente o aspeto geral da planta melhora na época da primavera mas na altura do outono/inverno volta a apresentar os sinais característicos. Fotografias que registam o Roseiral hoje e no ano de 2011, por exemplo, mostram os danos causados por este fungo e o aspeto precário que o buxo apresenta (fig. 27).



Figura 27 - Aspeto geral do roseiral: (a) em 2011, antes da doença; (b) em 2015, depois da doença.

Sobre a aplicação de produtos farmacêuticos, ao abrigo do decreto-lei 26/2013, a Fundação de Serralves encontra-se temporariamente impedida de aplicar produtos fitofarmacêuticos devido à ausência da figura de "Técnico Responsável". Embora a existência deste posto esteja planeada, o Parque de Serralves é considerado uma "zona de lazer" ao abrigo da mesma lei, e por isso mesmo, a aplicação de fitofármacos terá sempre de cumprir os dispostos previstos para estas zonas, reduzindo o leque de substâncias que poderão ser utilizadas.

Por outro lado, o combate da doença através de práticas culturais adequadas é, neste caso, dificultado pelas condições físicas do roseiral: o clima da cidade, húmido e sombrio, é propício ao desenvolvimento deste fungo; os pavimentos em gravilha dificultam a limpeza das folhas infetadas que caiem no chão – e segundo um estudo inglês uma folha doente caída pode carregar o fungo ativo durante cerca de três anos (Chicau, 2009) . Os próprios visitantes, ao andarem pelo roseiral e tocarem na sebe, podem mobilizar os esporos do fungo para novos locais, e assim potenciar a propagação da doença (Bush, et al., 2014).

Muitos são os jardins que têm sido afetados, razão pela qual as autoridades de alguns países como o Reino Unido, estão a proibir novas plantações desta espécie (Benech & Cross, 2014). Desde muito cedo que o género *Buxus* é utilizado para sebe nos mais variados jardins pelas suas excelentes qualidades enquanto arbusto de topiária. Assim, substituir a espécie que tem vindo a ser a escolha por excelência para esta tipologia, pode gerar algumas dificuldades de aceitação. Contudo, são muitos os autores que começam já a considerar a substituição desta espécie por outras de efeito semelhante. Benech (2014) propõe a *Pistacia lentiscus, Myrtus communis subsp. Tarentina* (fig.28) e *Myrsine africana,* em solos secos e alcalinos. Já em solos ácidos, em clima de verão ameno, propõe-se a plantação de *Ilex crenata* e a variedade anã de *Ilex. glabra.* Se o clima for mais frio, a *Phyllirea angustifolia* também pode ser usada como substituto, embora o comprimento das suas folhas seja bastante superior. Num local com clima frio e solos alcalinos, Benech defende também a utilização de *Euonymus japonicus* 'Microphyllus' ou *Euonymus japonicus* 'Pulchellus' e ainda o Euonymus "Green Rocket".

Didier Hermans, um conceituado produtor belga, e especialista mundial na espécie *Buxus*, tem produzido novas cultivares e testado as variedades existentes mais tolerantes à doença. Hermans recomenda o *Buxus microphylla "Faulkner" como um* substituto bastante comparável ao Buxus sempervirens (Wilson, 2014). Esta espécie, embora não possa ser garantida como completamente tolerante ao fungo, tem mostrado boa resistência. Trata-se de um arbusto compacto que apresenta um crescimento lento e aguenta bem a topiária, tornando-se uma espécie bastante favorável para o uso em sebes (Wilson, 2014). Um exemplo da sua utilização noutros jardins é o Modern Rose Garden, nos jardins de Rosemoor da Royal Horticultural Society.



Figura 28 – Sebes de *Myrtus communis* var. Tarentina no jardim Botânico da Ajuda, Lisboa

Estruturas construídas, materiais e mobiliário

Quanto às estruturas construídas pode destacar-se neste roseiral a forte presença da pérgola, no patamar superior, de onde se pode contemplar todo o jardim. Os três conjuntos de escadas de granito, posicionadas nas extremidades e no centro da pérgola, garantem o acesso a este patamar. Outra estrutura construída de grande destaque é a fonte, proveniente da antiga Quinta de Lordelo, posicionada no centro do jardim. Estes artefactos estavam já previstos para o jardim ainda nas plantas de Jacques Gréber, e podem ser vistos nas fotografias Alvão (fig. 21), inserindo-se perfeitamente no conjunto de elementos caraterísticos usados nos roseirais formais da época (ver ponto 2.1.2 do capitulo II).

Pode dizer-se que o Roseiral apresenta uma grande unidade nos materiais construtivos, pavimentos e até mobiliário. Os principais materiais utlizados são o betão, na pérgola (fig. 29 a); o granito, nos muros (fig. 29 b), nos lancis e escadas da pérgola; na fonte (fig. 29 e) e nos bancos (fig. 29 f); a gravilha branca, nos caminhos (fig. 29 a, d); e o ferro, nas estruturas para as roseiras trepadeiras (fig. 28 c). Analisando as



Figura 29 – Materiais existentes no Roseiral de Serralves

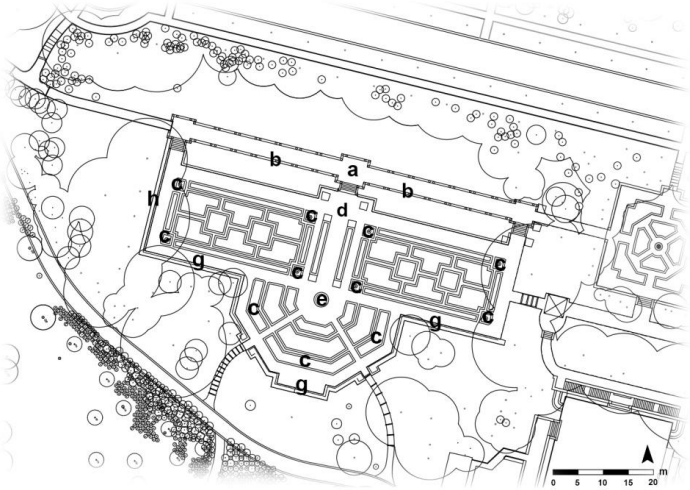


Figura 30 – Posicionamento das estruturas e materiais identificados na fig. 29

fotografias Alvão (fig. 21), verifica-se que a maioria destes inertes e estruturas parece manter-se desde essa época.

Assinalam-se apenas ligeiras alterações como a introdução de guias de aço corten a separar o caminho dos canteiros (fig.29 f); os bancos de granito (fig. 29 g), que antes eram bancos românticos de madeira e ferro forjado; e a estátua de bronze e pátina verde escura, datada de 1921, que terá sido instalada no Roseiral em 2011 (fig.29 h). Destaca-se ainda o desaparecimento da estrutura de suporte da sebe que envolvia o Roseiral e das grandes taças que dela emergiam; e dos arcos de ferro para as roseiras trepadeiras que marcavam as duas entradas a sul, visíveis na fotografia antiga da figura 21 a'.



Figura 31 – Estado atual das estruturas de ferro originais.

Em relação ao seu estado de conservação, todos os elementos se encontram bem preservados, à exceção das estruturas de ferro forjado, nas quais se verifica algum grau de deterioração (fig. 31).

Exposição Solar

O Roseiral de Serralves encontra-se rodeado por uma massa de vegetação arbórea que, embora contribua para proteger as roseiras dos ventos mais fortes, provoca o ensombramento de alguns canteiros em certas alturas do dia. Os canteiros a Noroeste e a Este (principalmente este último) são os mais afetados pela falta de luz solar. O estudo (fig. 32) foi efetuado *in situ,* no dia 28 de Maio, através da análise e registo das sombras no jardim da parte da manhã (às 10h) e da tarde (às 15h).

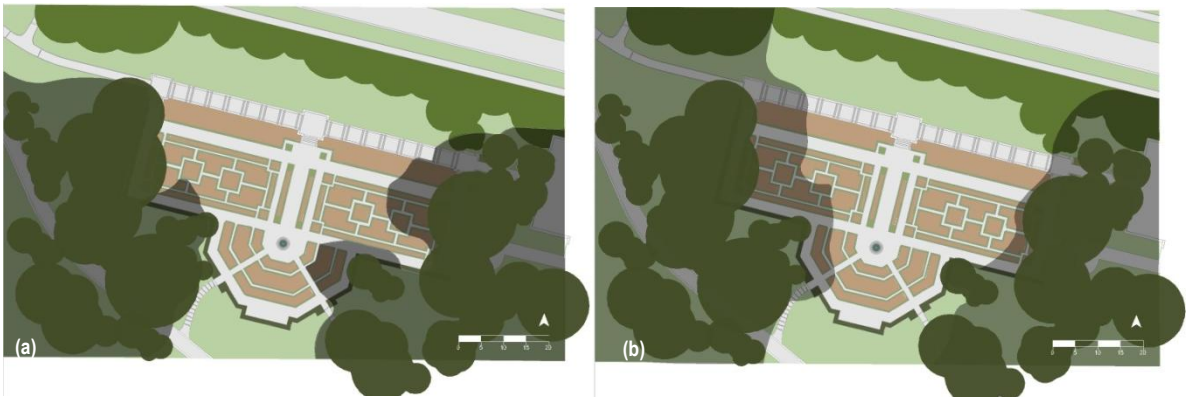


Figura 32 – Estudo de exposição solar. Ensombramento dos canteiros da parte da manhã, às 10h (a), e da parte da tarde, às 15h (b). Realizado dia 28 de Maio de 2015.

Esta análise é da maior relevância se se pensar que, como a maioria das espécies floríferas, as roseiras não toleram bem a sombra. Ainda assim, há variedades que apresentam algum grau de tolerância, devendo esta valência pesar na escolha das roseiras para os canteiros com menos horas de exposição à luz.

3.5. Proposta

Sobre o traçado, estrutura e organização do Roseiral

Tendo em conta os resultados da pesquisa histórica apresentados no capítulo III, que indicam estarmos hoje na presença de um jardim de traçado planimétrico e organização muito semelhantes às suas origens; e considerando também que essas características correspondem ao estilo ideal de um roseiral formal da época, segundo a pesquisa apresentada no ponto 2.2. do capítulo II, o traçado deste roseiral deverá ser preservado.

Do mesmo modo, o posicionamento e forma dos elementos construídos ou decorativos, como a pérgola, a fonte, ou as estruturas de ferro, não deverá ser alterado.

Sobre a escolha e combinação das variedades de roseiras

Os canteiros deverão continuar a ser constituídos apenas por roseiras, porque a combinação com outras espécies era desencorajada na época (ver ponto 2.2 do capítulo II). Além disso, nas fotografias Alvão dos finais da década de 40, que ilustram o aspeto que se pretende recriar com esta proposta, não são visíveis outras espécies dentro dos canteiros.

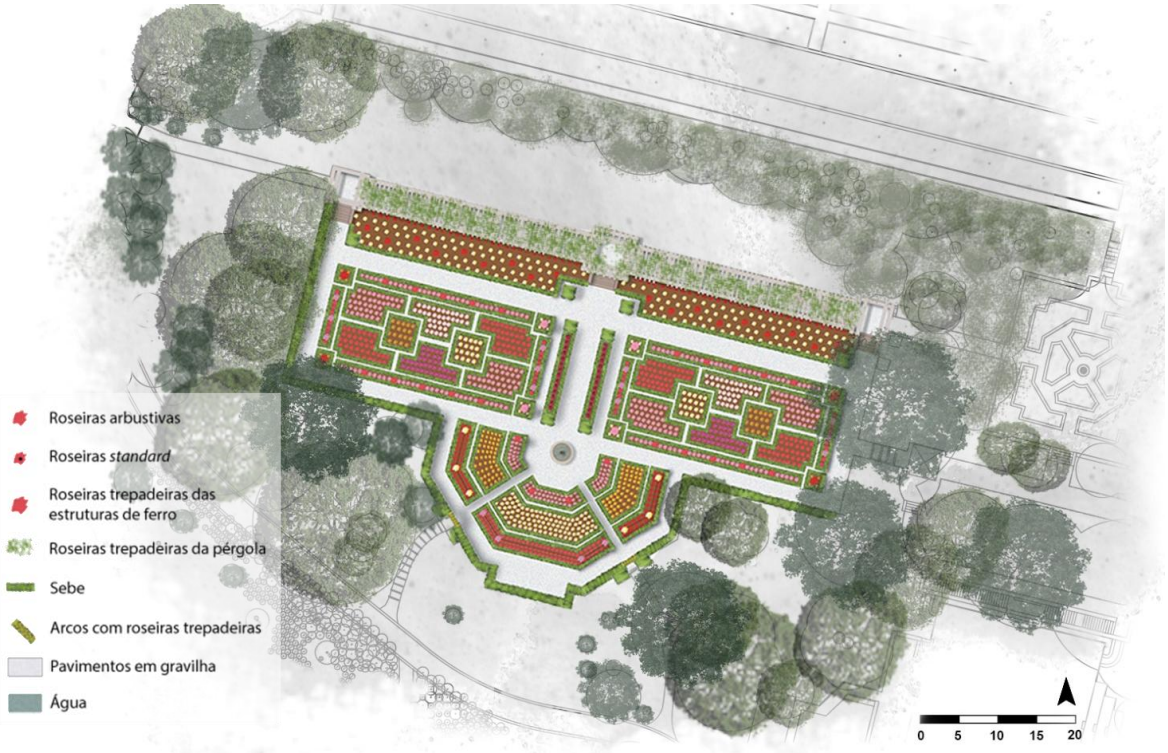


Ilustração 1 – Plano Geral da proposta de recuperação do Roseiral do Parque de Serralves

Após a pesquisa das cultivares mais utilizadas na altura (ver capítulo da Metodologia), foi sintetizada uma lista (ver anexo XII), organizada segundo parâmetros importantes como a cor, perfume, altura, etc. sob a qual se deve basear a escolha das variedades[10].

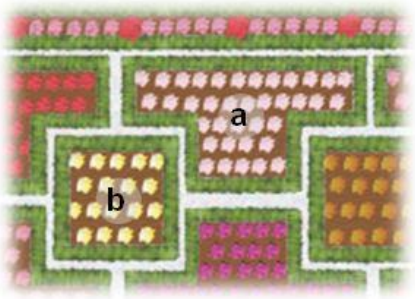


Ilustração 2 – Detalhe dos canteiros.

O esquema proposto encontra-se representado no plano geral da ilustração 1.

1. Propõe-se a organização cromática dos canteiros, como era defendido pela maioria dos autores da época, como William Paul (1903), e Harry Thomas (1913). Cada canteiro deve ser preenchido apenas com uma cor, seguindo o esquema do plano geral acima apresentado (Ilustração 1). Por exemplo, no canteiro (a) da ilustração 2 deverão ser escolhidas variedades de tonalidade rosa-claro, enquanto para o canteiro (b) deverão ser escolhidas variedades amarelas (ou tom creme) da lista.

O esquema cromático apresentado na ilustração 1 foi definido de modo a conter nos canteiros mais interiores as roseiras de cor mais clara e nos exteriores as de cores mais vibrantes. Deste modo garante-se que estas últimas contrastem com a cor clara dos caminhos. Esta distribuição de cores procura também arranjar um equilíbrio entre tons claros e tons vivos no jardim.

Além das cores, propõe-se a organização por grupos de variedades de modo a que cada canteiro disponha apenas uma variedade de roseira.



Ilustração 3 – Esquema de plantação das roseiras trepadeiras, "*standard*", "*rambler*" e vigorosas.

[10] Visa-se deste modo orientar a seleção e encomenda das variedades, e auxiliar em caso de eventual indisponibilidade de certa variedade pretendida, bastando escolher outra da lista, com características semelhantes.

2. A densidade de plantação nos canteiros deve ser revista, uma vez que é desaconselhada a exagerada plantação de forma a permitir a circulação do ar entre as plantas, diminuir o ensombramento e facilitar processos de manutenção dos canteiros. Assim propõe-se a plantação das variedades dispostas em 'quincunce', com cerca de 60 cm de distanciamento entre exemplares, e distanciadas cerca de 30 cm das sebes dos canteiros. Para roseiras mais vigorosas ou variedades mais abertas, deverá espaçar-se a plantação cerca de 70cm a 1m. Roseiras miniatura deverão ser plantadas com cerca de 30cm de intervalo entre si.

3. Na altura da plantação, sugere-se a aplicação das micorrizas e/ou outros fungos benéficos, conforme explicado no capitulo sobre a manutenção, acerca do solo.

4. Propõe-se a plantação de roseiras "*standard"* e de roseiras vigorosas, conforme o esquema representado na ilustração 3. Desta forma pretende-se quebrar a monotonia de plantação e de alturas, e aproxima-se o jardim à sua imagem da época de 30/40, visível nas fotografias Bazar Foto Amador e Alvão (ver capitulo III).

As roseiras "*standard"* deverão pontuar determinadas linhas, enquanto as variedades vigorosas deverão ser posicionadas no centro de alguns canteiros, rodeadas de variedades menos vigorosas (Ilustração 3).

Este procedimento era muito comum na época e o efeito bastante aclamado, como era referido por autores como Oliveira Júnior, no *Jornal de Horticultura Prática*, ou William Paul, na sua obra *The Rose Garden in two division.* Deverão igualmente ser plantadas roseiras "*standard"* nos canteiros contínuos à pérgola, de modo aproximá-los à sua imagem da década de 1930/40 (ilustração 4).



Ilustração 4 - Exemplo do antes e depois do aspeto dos canteiros contíguos à pérgola, após plantação proposta

5. Nos canteiros contíguos à pérgola propõe-se a plantação de roseiras miniatura junto ao muro, de modo a não tapar este elemento que apresenta grande valor estético. Foram escolhidas roseiras de floração vermelha de modo a melhor contrastarem com os tons amarelos do granito do muro (ver efeito na ilustração 4).

6. Propõe-se a plantação de mais roseiras trepadeiras na pérgola de modo a preencher mais as suas vigas e pilares de betão, recuperando o aspeto frondoso visível nas fotografias Bazar Foto Amador e Alvão (ver capítulo III). Dever-se-á começar pelos pilares que atualmente não apresentam nenhum pé de roseira. Se no futuro esta estrutura permanecer pouco revestida então deverão ser averiguados os motivos para esta falta de vigor, nomeadamente com análises ao solo. Em último caso propõe-se a substituição de algumas destas roseiras por outras variedades mais vigorosas, sendo que esta escolha deverá ser apoiada na consulta da 'listagem de variedades adequadas' (ver anexo XII).

7. Devem ser mantidas roseiras trepadeiras ou "*ramblers"* a revestir as estruturas de ferro do jardim, embora as variedades devam ser revistas de acordo com a listagem de novas espécies proposta (ver anexo XII) e de acordo com o esquema de cores proposto na Ilustração 1. A ilustração 5 é referente ao canteiro semi-otogonal do Roseiral, mostrando os canteiros organizados cromaticamente e as estruturas de ferro revestidas conforme a proposta. Esta simulação é feita a partir da entrada do Roseiral a Sudoeste, representando-se na imagem o arco de ferro que se pretende reintroduzir.



Ilustração 5 – Organização cromática do canteiro semi-otogonal, com destaque para as estruturas de ferro aqui existentes. Visualização a partir da entrada a sudoeste, adornada com o arco a reintroduzir, revestido com roseira trepadeira.

Sobre as sebes de Buxo

Cenário 1: No caso de se pretender manter as sebes de buxo, deverão ser adotadas medidas de boas práticas de modo a evitar a propagação da doença a outras áreas não afetadas.

i. Remover prontamente as partes doentes da planta incluindo todas as folhas, que deverão ser aspiradas ou varridas. Se houver a possibilidade de as folhas se encontrarem misturadas com o solo, este deve ser removido superficialmente numa camada de cerca de 20 cm de profundidade (Bush, et al., 2014). O material removido deve ser queimado ou levado para aterro sanitário.

Nota: A realização de podas de redução da sebe, que já têm vindo a ser praticadas em Serralves, tem-se mostrado eficaz no controlo da progressão da doença, por permitir um maior arejamento da planta. Por outro lado as feridas abertas durante este processo poderão proporcionar novas infeções em partes saudáveis da planta, acabando por comprometer ainda mais a sua condição fitossanitária.

ii. Todos os instrumentos utilizados para as práticas de manutenção destas sebes devem ser esterilizados a cada nova utilização.

iii. Devem ser realizadas aplicações regulares de um fungicida homologado. No entanto, estes procedimentos só poderão ser praticados assim que Serralves disponha de uma figura de 'Técnico Responsável', como vincula o decreto-lei 26/2013. Para além disso o Parque, considerado "zona de lazer" pelo mesmo decreto-lei, deverá regular os produtos utilizados e as suas aplicações mediante os dispostos previstos para estas zonas.

Cenário 2: No caso de não se conseguir resolver o atual problema das sebes de buxo recorrendo a produtos fitofármacos, propõe-se:

i. A remoção de todos os restos de plantas infetados, varrendo ou aspirando, e levando para aterro sanitário (Bush, et al., 2014).

ii. Plantação de uma espécie apropriada e de semelhante efeito, com resistência comprovada a esta doença, como por exemplo a *Myrtus communis* subsp. Tarentina, ou o *Buxus microphylla faulkner* (ver ponto 3.3.4 do capítulo III). A introdução de qualquer uma destas espécies necessitará, no entanto, de um estudo prévio, que verifique a adaptabilidade da planta às condições edafoclimáticas.

iii. Se a espécie a ser introduzida não for "totalmente" resistente à doença, será necessário proteger as cultivares com aplicações repetidas de fungicidas preventivos, homologados e respeitantes do estatuto de Parque público de Serralves.

Sobre os materiais, estruturas construídas e elementos decorativos e auxiliares

1. Elementos como a pérgola, a fonte, e as estruturas de ferro para as roseiras trepadeiras, devem ser preservados, uma vez que parecem tratar-se de estruturas originais, visíveis nas fotografias Bazar Foto Amador e Alvão, e que se enquadram nos padrões defendidos na época para estes jardins (ver ponto 2.1.2

do capítulo II). Para além disso, estes elementos valorizavam esteticamente o espaço e atribuem-lhe escala vertical.

Assim sugere-se o tratamento das estruturas de ferro danificadas ou, em caso de impossível recuperação da peça, sugere-se a substituição por uma réplica.

2. Deverão ser reintroduzidos os arcos de ferro para roseiras trepadeiras, visíveis nas fotografias Bazar Foto Amador (de 1936), e Alvão (final da década de 40) nas entradas a sul do Roseiral. Estes elementos, para além de fazerem parte da história do jardim, enfatizam o estilo formal que se pretende para este roseiral. Os arcos devem ser revestidos por roseiras trepadeiras (consultar anexo XII, para proposta de cultivares).

3. Propõe-se a introdução de painéis informativos acerca do roseiral, com o plano geral do jardim e textos que descrevam a história, o projeto de recuperação a que foi sujeito, e a coleção de rosas que alberga, informando assim melhor os visitantes. O posicionamento desta placa deverá ser central, por exemplo junto às escadas centrais da pérgola, de modo a ser visível por todos os visitantes.

A ilustração 6 mostra um exemplo de placa possível de ser integrada neste roseiral.



Ilustração 6 – Exemplo de painel informativo para o roseiral.

4. Ao nível dos pavimentos, o areão branco deve ser mantido pois corresponde ao material que se consegue identificar nas fotografias Bazar Foto Amador (de 1936) e Alvão (finais da década de 40). Para além disso, o seu uso era já defendido na época, na impossibilidade de ter caminhos de relva (ver ponto 2.1.2. do capítulo II). Este material deverá, contudo, ser reposto nas zonas onde a sua falta é notória. Recomenda-se ainda que a camada de areão não seja muito densa, para que não provoque o "afundamento" dos pés, dificultando o livre movimento pelo jardim.

Sobre a manutenção do Roseiral

O plano de manutenção proposto para o Roseiral de Serralves foi realizado mediante o estudo apresentado no capítulo 2.1.5. do presente trabalho e pode ser consultado no anexo XI.

IV. Notas finais

Após o estudo realizado comprovou-se a enorme história e simbolismo das roseiras e dos roseirais, e a sua relevância como testemunhos de uma época social e paisagística. Durante séculos, as roseiras foram tratadas como a 'rainha das flores', tendo adquirido o direito a um jardim exclusivo, separadas das outras plantas. Assim foi crescendo a tipologia de roseiral, bem como o número de cultivares disponíveis, nas mais diversas cores, formas e perfumes.

O Roseiral do Parque de Serralves, além de exibir todas as características necessárias para ser uma verdadeira montra desta planta tão especial, possuí uma relevância histórica que era necessário compreender plenamente antes de se avançar para uma eventual recuperação.

Com a pesquisa realizada percebeu-se não só que o traçado do Roseiral sobreviveu praticamente incólume até aos nossos dias, mas também que este espelha de forma abrangente os princípios de um roseiral formal defendidos no início do século. Atendendo a ambas as circunstâncias, a preocupação inicial do trabalho incidiria sobretudo na coleção de roseiras. Pretendia-se reinstaurar as plantações primordiais, Das décadas de 1930/40, na tentativa de recuperar o carácter histórico do jardim; bem como proceder à identificação das cultivares existentes atualmente, para saber se algumas dessas ainda se encontrariam aqui preservadas.

No entanto, perante a escassez de registos sobre as plantações de roseiras em Serralves, e sendo este um género imensamente complexo e diversificado na sua classificação, cedo se tornou claro que identificar a presente coleção não seria concretizável. Não se conseguiu também encontrar a informação referente à coleção primordial de roseiras plantadas neste Roseiral, pelo que se optou por investigar as mais utilizadas na época, e reunir um conjunto considerável de cultivares passíveis de terem sido plantadas, algo que permitirá uma recuperação historicamente informada no futuro.

O recente aparecimento da doença conhecida como o "míldio do buxo" também exigia soluções para preservar o visual histórico ameaçado do jardim. Atualmente o Roseiral do Parque de Serralves encontra-se seriamente fragilizado com esta doença, especialmente no Inverno, época em que o buxo perde as suas folhas e já não cumpre o seu efeito estético nesta altura em que o jardim se encontra despido de rosas. Embora o buxo seja a planta tradicional para sebes formais baixas, este deixou de cumprir plenamente a sua função estética e, apesar de existir um conjunto de medidas preventivas e curativas que podem ser implementadas, a sua eficácia é reduzida face aos avultados recursos que estas exigem. Numa visita feita há dois anos aos jardins formais do Pazo Quiñones de Leon em Vigo, no qual tem sido possível manter um estado de conservação aceitável das sebes de buxo, foi informado que, apenas na manutenção das sebes, os custos rondariam os 60 000€/ano. É de salientar que a área de sebes será inferior à existente em Serralves. Atendendo a tudo isto, a substituição por espécies alternativas, embora não obrigatória, terá de ser ponderada.

Após o trabalho que foi desenvolvido, verifica-se ainda fundamental a continuação dos esforços necessários à recuperação deste Roseiral, podendo ser tomadas algumas providências no futuro. Seria de grande interesse o eventual desenvolvimento de um protocolo de identificação de cultivares através de análise molecular. Esta prática existe já para as camélias, sendo executado na Estación Fitopatolóxia do Areeiro, na Galiza.

Para além disso, a colaboração de um especialista na eventual recuperação de um roseiral com esta relevância histórica será sempre de considerar e, durante o desenvolvimento deste trabalho, foi já estabelecido o contacto com Charles Quest-Ritson, um dos maiores peritos em rosas do Reino Unido.

Com os contributos obtidos por este trabalho espera-se, não só estabelecer as bases de uma recuperação historicamente informada para o Roseiral do Parque de Serralves, mas sobretudo assegurar a sua conservação futura em função dos recursos atualmente existentes. O roseiral sempre foi um dos espaços mais característicos do jardim tradicional português, e a visibilidade de uma instituição como a Fundação de Serralves faz com que, neste caso de estudo, o local e a sua história sejam também apreendidos por centenas de milhares de pessoas anualmente. Espera-se por isso que este trabalho seja mais um passo, não só na conservação do património vivo que são os jardins, mas na sensibilização do público para essa preservação.

Bibliografia

Albuquerque, M., 2006. *Roseiras Antigas de Jardim.* Lisboa: Alêtheia.

Alfredo Moreira da Silva & Filhos, Lda., 1936. *Árvores de Fruto, árvores para estradas, arbustos diversos, roseirais, sementes.* Porto: Alfredo Moreira da Silva & Filhos Lda. Floricultores e Viveiristas.

Almeida, J., 2013. Parque de Serralves Paisagem com Vida. In: *Parque de Serralves Paisagem Com Vida.* Porto: Fundação de Serralves.

Andrade, S. C., 2009. *Serralves, 20 Anos e Outras Histórias.* Porto: Fundação de Serralves.

Andresen, T., 2011. O Parque de Serralves. In: *Jacques Gréber Urbanista e Arquitecto de Jardins.* Porto: Fundação de Serralves.

Araújo, I., 1988. Os Jardins do Porto. In: *Casa de Serralves, Restrato de uma Época.* Porto: Secretaria de Estado da Cultura.

Austin, D., 2009. *The Rose.* Woodbridge, Suffolk, UK: Antique Collectors' Club.

Beales, P., 1997. *Classic Roses.* Great Britain: Henry Holt and Company, Inc..

Benech, L. & Cross, J., 2014. Box Blight. *Historic Gardens Review*, Abril, Volume 30, p. 26.

Bush, E. et al., 2014. *Best Management Practices for Boxwood Blight.* Virginia: s.n.

Castro, A. d., 2001. O Porto, Cidade Viva, em Retrospectiva: A Malha Social e Urbana Entre 1935 e 1945. In: *Casa de Serralves, Retrato de uma Época.* Porto: Serralves, p. 99.

Castroviejo, S. (coord. gen.), 1986-2012. *Flora iberica.* [Online] Available at: http://www.floraiberica.es/floraiberica/texto/pdfs/06_087_13%20Rosa.pdf [Acedido em 13 Maio 2015].

Chalkley, D., 2015. Invasive Fungi. Shoot blight of boxwood-Calonectria pseudonaviculata. *Systematic Mycology and Microbiology Laboratory, ARS, USDA.*

Chicau, G., 2009. *Uma nova doença do Buxo, causada pelo fungo Cylindrocladium buxicola Henricot,* Senhora da Hora: Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte, divisão de proteção e controlo fitossanitário.

Costa, E. V. d., 1991. *Aprenda a Cultivar Rosas.* Lisboa: Mundo Editorial.

Cruse, E., 1997. *Rosas Antigas e Silvestres.* Italy: Editions du Chêne.

David Austin Roses, 2008. *Handbook of Roses.* United Kingdom: David Austin Rose Nursery Limited,.

Decaisne, J. & Naudin, c., 1873. *Manuel de L'amateur des Jardins - Traité Géneral d'Horticulture.* França: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et C..

Editora, P., 2003-2015. *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico.* Porto: Porto Editora.

Fearnley-Whittingstall, J., 1989. *Rose Gardens.* London: Chatoo & Windus .

Fernandes, R. B., 2007. *Glossário de Termos Botânicos.* [Online] Available at: http://www.uc.pt/herbario_digital/glossario/ [Acedido em 15 Maio 2015].

Foster-Melliar, A., 1984. *The Book of the Rose.* London: Macmillan.

Gardé, N., 1994. *As Roseiras.* Lisboa: Clássica Editora.

Greenwald, P., 2010. *You Can Grow Roses.* [Online] Available at: http://paulzimmermanroses.com/articles/cultivation/you-can-grow-roses-by-pam-greenwald-of-angel-gardens/ [Acedido em 31 Janeiro 2015].

Hessayon, D. D. G., 1993. *The Rose Expert.* London: Expert Books.

ICOMOS, 1982. *Jardins Históricos - Carta de Florença,* s.l.: s.n.

Illinois, U. o., 1998. POWDERY MILDEW OF ROSES. *Univerity of Illinois Extension,* Issue Report on plant disease.

Jekyll, G. & Mawley, E., 1902. *Roses for English Gardens.* London: Country Life.

Loureiro, J. M., 1870. *Jornal de Horticultura Prática - Volume I.* Porto: Typographia Lusitana.

Marques, T., 2011. Jardins Privados no Porto: Da Viragem do século XX ao Parque de Serralves. In: *Jacques Gréber, Urbanista e Arquiteto de Jardins.* Porto: Fundação de Serralves.

Marques, T. D. P., 2009. *Dos jardineiros paisagistas do Porto de oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal,* Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Mattock, M., 1980. *Guia Prático das Rosas.* Lisboa: Editorial Presença.

Miranda Ganci, D. M. Benson and K. L. Ivors, 2012. Susceptibility of Commercial Boxwood Varieties to Cylindrocladium buxicola. *Department of Plant Pathology, North Carolina State University.*

National Trust, s.d. *Gardens & Parks.* [Online] Available at: http://www.nationaltrust.org.uk/article-1356400629935/ [Acedido em 10 Dezembro 2015].

Oudolf, 2015. *Boxwood nursery Oudolf.* [Online] Available at: http://buxussempervirens.com/buxus-faulkner-buxus-microphylla-faulkner/ [Acedido em 26 Maio 2015].

Paul, W., 1903. *The rose garden, in two divisions.* London: Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent & co..

Quest-Ritson, C., 2015. *Roses in Mediterranean Gardens, an illustrated talk by Charles Quest-Ritson.* London: Foudation Meeting, Chelsea Physic Garden .

Reis, M. d. P. A. e. C. N. d., 2010. *A Aplicação das Roseiras na Arquitectura Paisagista,* Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Rose, G., 1989. *The Traditional Garden Book.* 1ª ed. London: Dorling Kindersley.

Sanders, T. W., 1917. *Roses and their cultivation..* London: Collingridge.

Schulman, S. A., s.d. *English Roses Before David Austin?.* [Online] Available at: http://www.rose.org/wp-content/uploads/2011/03/English-Roses-Before-David-Austin.pdf
[Acedido em 20 Fevereiro 2015].

Shaw, J., 1983. Gardening with Species Roses. *Arnoldia*, Volume 43, p. 3.

Stack, G., 2009. *Our Rose Garden.* [Online] Available at: http://urbanext.illinois.edu/roses/history.cfm
[Acedido em 15 Janeiro 2015].

Tavares, A., 2007. *Os Fantasmas de Serralves.* Porto: Dafne Editora.

The Royal Horticultural Society, 2010. *Encyclopedia of Plants & Flowers.* London: Christopher Brickell.

The Royal Hoticultural Society, 2007. *Encyclopedia of gardening.* 3ª ed. London: Dorling Kindersley.

Thomas, H. H., 1913. *The Rose Book.* London: Cassell.

Wilson, M., 2014. *Why the world's favourite topiary plant Buxus is under threat.* [Online] Available at: http://www.ft.com/cms/s/2/1ec2db22-eb1e-11e3-bab6-00144feabdc0.html
[Acedido em 26 Maio 2015].

World Federation of Rose Societies, 2014.

Zimmerman, P., 2015. *Paul Zimmarman Roses.* [Online] Available at: http://paulzimmermanroses.com/care/planting-roses/preparing-the-soil/
[Acedido em 22 Abril 2015].

Zimmerman, P. F., 1996. *Noisettes – America's Native Climbing Roses.* [Online] Available at: http://paulzimmermanroses.com/articles/types-of-roses/noisettes-americas-native-climbing-roses/
[Acedido em 30 Janeiro 2015].

Zimmerman, P. F., 2007. *Rose Classification - Heritage Rose Foundation.* [Online] Available at: http://paulzimmermanroses.com/articles/history-of-roses/a-gentle-plea-for-order-rose-classification/
[Acedido em 30 Janeiro 2015].

Zimmerman, P. F., 2012. *Rose Classes And Their Characteristics.* [Online] Available at: http://paulzimmermanroses.com/articles/types-of-roses/rose-classes-and-their-characteristics/#AR
[Acedido em Janeiro 2015].

Anexos

Anexo I – Glossário

A

Acúleos – Espinhos das roseiras. Formação epidérmica, rígida, aguçada, sem feixes vasculares e, por isso, fácil de destacar (Fernandes, 2007)

Arbustiva (Roseira) – Pode estar relacionado com o porte, tratando-se das roseiras que não são trepadeiras nem prostradas, ou seja, que possuem porte arbustivo ereto.

Pode estar relacionado com o tipo de roseiras, sendo nesse caso híbridos ou seleções de rosas selvagens (Shaw, 1983).

C

***Climber* –** Ver *Trepadeira.*

Cruzamentos (*Cross-breeding*) – O mesmo que *hibridação*. União entre indivíduos da mesma espécie, com o objetivo de criação de novos indivíduos, com características diferentes e superiores àqueles que já existem (Paul, 1903).

D

***Dead-heading* –** remoção de flores mortas das roseiras.

E

'English Roses' (ou 'David Austin Roses') – Grupo moderno de rosas com semelhanças às Rosas Antigas de Jardim. David Austin, em Inglaterra, forjou o termo "English Rose" para descrever os produtos dos seus programas de produção, na década de 1960. Com as combinações de tipos de flores, cores e tempos de floração de Rosas antigas de Jardim, as English Roses introduzidas por este produtor ganharam considerável popularidade nas últimas décadas, de modo a que o seu nome ficou permanentemente ligado a este tipo de rosas. Embora David Austin não tenha sido o primeiro produtor a introduzir cultivares deste género, foi o primeiro a fazê-lo com sucesso, (Schulman, s.d.).

F

Floração Contínua (e não continua) **–** Com o sentido de **Floração Remontante** e **Não Remontante**. No entanto, o termo "*contínua*" e "*não contínua*" não é o mais correto (Hessayon, 1993)

Floração não remontante – Quando as roseiras produzem apenas uma floração por ano, que geralmente dura por várias semanas. Ocasionalmente algumas flores poderão surgir no outono, mas é uma situação demasiado esporádica para ser considerada segunda floração. Estas variedades normalmente

florescem em Junho, Julho, embora haja algumas que floresçam no final da primavera ou início ou fim de verão (Hessayon, 1993).

Floração remontante – Também *floração recorrente ou repetida,* diz-se das roseiras que produzem duas ou mais florações durante a época de floração. As roseiras modernas geralmente produzem flores em intervalos do verão até ao outono (por isso são tão apreciadas). As variedades remontantes podem ainda produzir algumas flores entre essas épocas de floração principais. Quando esta característica é fortemente marcada podem ser chamadas de roseiras de **floração contínua**, embora não seja estritamente correto, (Hessayon, 1993).

Flores dobradas – Quanto ao número de pétalas. Flores que não são *singelas*. Podem ser "Moderadamente cheias", "cheias" ou "muito cheias". (Hessayon, 1993)

Flores dobradas "cheias" – Entre 30 a 39 pétalas. (Hessayon, 1993)

Flores dobradas "moderadamente cheias" – Entre 21 a 29 pétalas**.** (Hessayon, 1993)

Flores dobradas "muito cheias" – Tipos de flores com mais de 40 pétalas. (Hessayon, 1993).

Flores semi-dobradas – Flores que possuam entre 8 a 20 pétalas. (Hessayon, 1993)

Flores simples – O mesmo que *flores singelas*. Variedades que possuem normalmente flores com menos de 8 pétalas (Hessayon, 1993). O contrário de *flores dobradas.*

Flores singelas – O mesmo que *flores simples*.

H

Hábito – Porte.

Hibridação – O mesmo que *cruzamento* ou *cross-breeding*. União entre indivíduos da mesma espécie, com o objetivo de criação de novos indivíduos, com características diferentes e superiores àqueles que já existem (Paul, 1903). Pode ser de processo natural ou realizada pelo homem.

M

Miniatura (Roseira) – Roseiras não trepadeiras de floração contínua. As flores, folhagem e própria planta são em miniatura (The Royal Hoticultural Society, 2007).

Multicolor – Mudam de cor com a idade, de modo que um cacho pode apresentar flores de diferentes cores ao mesmo tempo (Hessayon, 1993).

P

Pátio (Roseiras) – Roseiras anãs de floração em cacho. Parecem roseiras Floribundas, mas de aparência mais pequena. Pouco perfumadas. Posteriores a 1980, (The Royal Hoticultural Society, 2007).

Pé alto (Roseiras de) – Também Roseiras enxertadas em pé alto, ou em haste. São as roseiras "*standard".*

Poliantas (Roseiras) – Roseiras não trepadeiras de floração remontante. As flores são pequenas**,** normalmente em forma de roseta, agrupadas em cacho grandes. Folhagem característica com folhas mais pequenas do que as das roseiras floribundas (The Royal Hoticultural Society, 2007).

Prostradas – Hábito de crescimento de algumas roseiras. Roseiras de cobertura do solo (The Royal Hoticultural Society, 2007).

R

Raiadas (cor da flor) – Com duas ou mais cores em cada pétala sob a forma de raias distintas (Hessayon, 1993).

"Rambler" – Relativo ao porte. Terminologia inglesa (e adotada ao longo deste trabalho) para roseiras vigorosas com hastes longas e hábito de trepadeiras, embora sejam mais flexíveis do que estas, sendo mais fáceis de conduzir em suportes. Algumas são fragrantes e florescem no verão. Posteriores a 1890.

Remontante – ver ***Floração remontante***.

Rosaceae – Família a que pertence a espécie da Rosa, bem como outros arbustos e árvores de fruto como as macieiras, pereiras, amoras bem como outras plantas lenhosas e herbáceas perenes (Shaw, 1983).

Rosal – Do latim *rosāle*-, "relativo a rosas". O mesmo que *Roseiral*. Palavra antiga, hoje pouco usada (Editora, 2003-2015).

Roseiras antigas de Jardim – Roseiras anteriores a 1867, caracterizadas por não apresentarem semelhanças marcadas com a roseira brava (espécie) e não incluídas na classificação usada depois da introdução das roseiras híbridas de chá.

Roseiras bravas – Pode também ser designada roseira pura; roseira selvagem, roseira espécie (do ing. *Species roses*. As que ocorrem na Natureza, sem a intervenção do Homem, (Beales, 1997). Na sua maioria estas roseiras possuem flores com 5 pétalas, com cores geralmente cor de malva, brancas, cor-de-rosa ou amarelas, e muito poucos exemplares de cor vermelha. Não são comumente usadas nos jardins, embora tenham uma grande diversidade e necessitem de menos tarefas de manutenção do que a maioria das roas cultivadas. (Shaw, J.,1983)

Roseiras Modernas de Jardim – Roseiras posteriores a 1867, caracterizadas por não apresentarem semelhanças marcadas com a roseira brava (espécie) e não incluídas na classificação usada antes da introdução das roseiras híbridas de chá.

Rosoídeas – Subfamília a que pertence a espécie da Rosa (Shaw, 1983).

S

***"Site analysis"* –** Processo de análise do local em estudo.

'*Species Roses'* ou '*Wild Roses'* (ing.) **–** O mesmo que ***Roseiras Bravas***.

"Standard" – Relativo ao porte. Terminologia inglesa (e adotada ao longo deste trabalho) para Roseiras de pé alto ou roseiras em haste. São normalmente Hibridas de Chá, Floribundas ou arbustivas podadas para terem a forma de árvore, com uma haste longa e desprovida de ramos, e uma cabeça em bola (The Royal Hoticultural Society, 2007).

***"Standard* Chorão" –** Relativo ao porte. São normalmente formadas a partir de "*ramblers"* de flores pequenas enxertadas em roseiras "*standard"* com cerca de 1,5 m (The Royal Hoticultural Society, 2007).

T

Trepadeira (Roseira) – Roseiras de ramos longos rastejantes ou arqueados, precisando normalmente de apoio. Possuem ramos mais rígidos do que a "*rambler"*, mas também são fáceis de conduzir sobre pérgolas, arcos, pilares, etc. (The Royal Hoticultural Society, 2007).

V

Variedade – Escalão taxonómico inferior à espécie. Um grupo de roseiras pertencentes à mesma variedade apresenta características em comum que as diferenciam de outras variedades da espécie *Rosa sp.*

Anexo II – Alguns Casos de estudo de Recuperações de Roseirais

Caso de Estudo I – O roseiral do *Hermitage Museum and Garden*

O Hermitage é uma casa-museu histórica do século XX, com uma coleção de arte contemporânea internacional e galerias de exibição. Para além do seu Museu, o Hermitage é conhecido pelos seus jardins que se estendem por mais de 4 ha. É composto por um conjunto de jardins semi-formais, como o East Garden, o Grotto e o Roseiral, e por matas e pantanais naturais. A casa foi construída por William e Florence Sloane, Nova-iorquinos abastados que vieram para Hampton Roads em 1895 para operar moinhos têxteis. Construída em 1908 como residência de veraneio, a casa rapidamente se tornou a residencia principal dos Sloane, tendo sido expandida e reorientada por Florence ao estilo Arts and Crafts, em 1936.

Durante a construção, Florence estava determinada a incorporar o *design* da casa nos seus jardins e durante os 30 anos que se seguiram, criou uma paisagem pitoresca, estendendo a sua visão artística aos desenhos da estrutura verde.

O roseiral foi restaurado em 2001 pela *E.T. Gresham Company's*, especialistas em recuperações e restauro de espaços históricos. O roseiral apresenta características formais como caminhos pavimentados em pedra, num estilo antigo, uma fonte circular a centrar o espaço e uma pérgola com roseiras trepadeiras de onde se pode contemplar todo o jardim. Originalmente continha 38 roseiras arbustivas e 6 trepadeiras, mas ao longo dos anos estas roseiras modernas foram sendo substituídas por relíquias como a *Red Radiance*, *White Killarney*, e a *Ophelia*, por se tratarem das mesmas variedades que Florence Sloane teria plantado durante os anos 20, 30 e 40. A replantação destas variedades assegurou uma ligação ao passado, ao mesmo tempo que preencheu os seus jardins com um agradável aroma, principalmente na primavera e no verão.

O Hermitage fornece todos os anos gratuitamente um *workshop* de poda de roseiras, no final de Fevereiro até inícios de Março.
(http://www.thehermitagemuseum.org/gardens/rose-garden)

Caso de Estudo II – O horto *Vintage Gardens*: *"Saving a Historic Rose Collection*"

Um jardim privado de rosas antigas que se estende por cerca de 1ha na encosta de Sebastopol, na Califórnia, contém cerca de 3,500 variedades de rosas diferentes, que atravessam toda a história da espécie. Neste jardim pode encontrar-se desde roseiras selvagens, às famílias como Albas, Gallicas, Damasco, Musgo, mas a coleção é especialmente rica em Roseiras China, Chá e Hibridas Perpétuas.

Contém ainda uma coleção de Híbrida de Chá, criadas nos finais do século XIX e inicios do século XX, muitas delas impossíveis de encontrar hoje em dia.

Gregg Lowery e Phillip Robinson, reuniram meticulosamente esta coleção ao longo de 30 anos, procurando rosas em velhos cemitérios, quintas, herdades e hortos. De seguida iniciaram o dificil processo

de investigação necessário para identificar as espécies encontradas. Em 1984, estabeleceram o Vintage Gardens, um horto junto à auto-estrada em direção a Sebastopol, que lhes permitiu viver da paixão que sentiam por estas plantas, e reunir ainda mais variedades, alcançando uma notável coleção de roseiras vintage apenas comparável à do Rosarium Europeu Sangerhausen na Alemanha.

Este horto tem ajudado a restaurar muitos roseirais antigos que foram destruídos por doenças ou cujas variedades originais tenham sido substituídas e perdidas ao longo dos anos, como foi o caso do jardim de Hibridas de Chá de Hearst Castle em San Simeon, escolhidas por William Randolph Hearst. Plantadas nos anos 20, 30, a maioria destas variedades encontram-se fora de comércio há já meio século.

Deste modo o jardim de Lowery e Robinson constitui um autêntico "banco de genes" de roseiras. No entanto atualmente o horto encontra-se ameaçado pelos hortos maiores, pela recessão e pela perda de interesse nas variedades mais antigas de rosas.

Em 2011, perto de perder a propriedade, Lowery foi abordado por alguns amigos que concordaram em arrendar o jardim por cerca de $1 por ano a um grupo de antigos clientes e amigos. O grupo, formado em 2012, possui agora a coleção e procura, sem fins lucrativos, angariar dinheiro para preservar o tesouro reunido por Lowery and Robinson.

Para além de reunir material genético que poderá um dia vir a ser necessário, as rosas de Lowery são verdadeiras janelas para a história do homem.

(http://cglhs.org/saving-an-historic-rose-collection/)

Caso de estudo III – "*Ladies Rose Garden - Roses and Design*"

Quando a Casa do Velho Parlamento, foi inaugurada, em Melbourne, Austrália em 1927, a paisagem envolvente contrastava com o luxo dos jardins estabelecidos em torno do Parlamento.

De 1931 até 1938, o Secretário do Departamento da Joint House, Robert Broinowski, tratou de estabelecer os jardins a Este e Oeste da Casa. Plantou sebes a envolver os jardins para mitigar os efeitos da exposição ao vento; construiu campos de ténis, cricket e bowlling e 4 roseirais, todos para uso exclusivo dos membros e do *staff*.

Em 1933, Robert Broinowski, pediu a esposas de alguns parlamentaristas para sustentar o *Ladies Rose Garden*. Estas aceitaram o projeto e rapidamente começaram a reunir donações de 1 shilling por cada rosa, enquanto muitas contribuíram com roseiras para o jardim, particularmente Hibridas de Chá e Floribundas.

Em 1988, abre a Casa do Novo Parlamento na Capital Hill, e a ocupação da Casa do Antigo Parlamento cessou por algum tempo. Escondidos pelas sebes e enormes portões, os jardins acabaram por ficar esquecidos. O programa de reconstrução desses jardins começou em 2000, com a replantação das sebes. Pela sua significancia histórica e cultural para a nação, replicou-se o carácter original e o *design* dos jardins, adicionando-se no entanto novos caminhos e instalações para os visitantes. Os quatro roseirais

também foram restaurados, tendo sido replantados com novas roseiras e reconstruidos segundo o seu *design* original. No espírito das plantações dos anos 30, o *Ladies Rose Garden* exibiu estas roseiras dispostas por cores, originando canteiros brancos, amarelos, vermelhos e cor-de-rosa. De modo a proporcionar um efeito unificador, plantou-se juntamente com as roseiras plantas perenes em tons de azul.

(https://www.nationalcapital.gov.au/index.php?option=com_content&view=article&id=232&Itemid=200&limitstart=7)

Caso de estudo IV – "*Restoring the rose garden in Morden Hall Park"*

Morden Hall Park é um *oasis* verde na cidade de Londres. Este parque é um dos poucos que resta junto ao Rio Wandle, desde o seu apogeu industrial. A história da sua propriedade remonta já ao século XVI, durante o reinado de Henry VIII, mas foi com a segunda família que o ocupou, os Hatfeilds**,** que foram introduzidas algumas características ao parque, como o roseiral e os estábulos. Os Hatfeilds permaneceram na propriedade até esta ter sido doada à National Trust, em 1941.

Junto ao roseiral surge uma casa com fachada de madeira branca, conhecida como Morden Cottage, construída perto de 1750, ficando conhecida por ser a casa de Gilliat Edward Hatfeild, que preferia esta casa mais pequena ao enorme Morden Hall, e adorava a sua proximidade ao roseiral.

O roseiral necessitou recentemente de algumas obras de recuperação. Ao longo do tempo o solo nos canteiros desenvolveu a 'doença das roseiras', necessitando de ser substituído. Os canteiros foram todos limpos de exemplares e de terra, substituiu-se com terra nova, enriquecidos com estrume e replantados com variedades de roseiras disponíveis em 1930, quando o jardim foi plantado pela primeira vez pelos donos do parque.

Muitas das roseiras nos anos 30 perderam o seu vigor e não se servem para plantar agora no roseiral. No entanto apostou-se na plantação de um dos grupos que ainda continua a vigorar, as Híbridas de Musgo, fortes e robustas, muito perfumadas e de floração continua.

(http://www.nationaltrust.org.uk/morden-hall-park/history/article-1355802742525/)

Anexo III – Classificações das Roseirais

1. Roseiras Antigas de Jardim

Segundo a Encyclopedia Royal Horticultural Society, as roseiras Antigas de Jardim podem ser divididas em dois grupos:

- **As que têm origem Europeia**

Apresentam cachos de floração perfumada no verão, com folhas de um verde mate.

São elas:

Alba – Também conhecidas como 'Rosas Brancas', incluem algumas das mais bonitas e mais resistentes rosas antigas. São roseiras arbustivas, apresentam folhagem verde-acinzentada densa, perfume marcante e são bastante resistentes às doenças. Muito cultivadas na Idade Média na Europa com fins medicinais. Derivam provavelmente do cruzamento da Rosa Canina com a Rosa de Damasco. São mais tolerantes à sombra do que as outras rosas. Florescem na Primavera, com flores muito fragrantes que para além do branco podem surgir também em vários tons de cor-de-rosa. Necessitam de poucos cuidados de manutenção, para além da remoção das hastes secas e alguma poda leve ocasional (Zimmerman, 2012).

Damasco – Algumas das variedades deste grupo datam do século XVI, contudo a sua existência no Médio Oriente era bastante mais antiga. De origens misturadas é provável que sucedam das Gallicas, embora sejam menos eretas e com arbustos mais abertos (Albuquerque, 2006). Muito cultivadas desde a Síria ao Egito, prezadas pelo óleo das suas pétalas usado em perfumaria. De hábito relaxado, e perfume excecional, estas roseiras florescem na Primavera e a sua folhagem proporciona uma textura interessante ao canteiro (Zimmerman, 2012).

Centifolia (Provence) – Também chamadas *"cabbage roses*", "Rosa da Provença" ou "Rosa de cem pétalas". A Rosa centifólia tem uma origem pouco conhecida, sabendo-se apenas que terá tido uma grande mistura. Possuem flores fragrantes, normalmente cor-de-rosa, grandes e com pétalas abundantes, e as suas hastes podem variar de suaves a muito espinhosas, sendo a diversidade na sua origem a principal razão para este aspeto. Necessitam de poucos cuidados para além da remoção das hastes velhas e alguma poda leve ocasiona (Zimmerman, 2012). Consideradas por muitos como o melhor exemplo das rosas antigas de jardim.

Gallica – Das primeiras a ser cultivadas no jardim. Florescem apenas uma vez ao ano, no verão, mas são muito apreciadas pela sua fragrância e por serem das poucas classes que proporcionam a cor roxa, para além de variarem entre o branco, o vermelho e o rosa. (Zimmerman, 2012).

Musgo – Pensa-se que este grupo fosse já conhecido na França, Itália e Holanda no século XVIII. Todas as variedades derivam da R. Centifolia Muscosa. Apresentam formações semelhantes a musgo nas hastes, sépalas e cálice e flores no verão (The Royal Horticultural Society, 2010). Rosas de grande beleza, resistentes ao frio, de floração não continua mas algumas como a Salet retornam durante o ano. Muito populares no século XIX, embora hoje se encontrem bastante esquecidas (Albuquerque, 2006).

Sweet Briar – Híbridos de R. rubiginosa, distinguíveis pela sua folhagem perfumada. Grandes arbustos espinhosos com floração rosa, amarelo ou roxo. Posteriores a 1890, (The Royal Hoticultural Society, 2007)

Scotch – Arbustos espinhosos e geralmente baixos, com floração branca, rosa, amarela ou de flores riscadas. Posteriores a 1790, (The Royal Hoticultural Society, 2007).

- **<u>As que são Hibridas entre as Orientais e as Europeias</u>**

Praticamente todas florescem no outono e no verão.

São elas:

Bourbon – Roseira folhosas ou trepadeiras de hábito frouxo ou aberto. A floração normalmente é fragrante e inclui cores de branco, rosa e arroxeado. Posteriores a 1817, (The Royal Hoticultural Society, 2007). Acusam a influência da *Rosa x bourboniana*, supostamente um híbrido da Rosa da China e da Damasco. Terá sido levada para França em 1819 e para Inglaterra em 1822 onde eram muito populares devido às suas flores, folhagem e floração remontante (Albuquerque, 2006).

Boursault – Acusa a influência da R. chinensis e da R. pendulina. Não apresentam espinhos e são bastante resistentes às doenças. Contudo as flores praticamente não apresentam perfume (Albuquerque, 2006). Posteriores a 1820.

China – Acusa a influência da R. chinensis. Arbustos remontantes com flores individuais ou dispostas em cachos, floração no verão-outono. A floração contínua das Roseiras Modernas é herdada deste grupo. Pensa-se que terão sido introduzidas no Ocidente no século XVIII, e que a Old Blush, a primeira, terá sido plantada na Holanda em 1781 (Albuquerque, 2006). Posteriores a 1750.

Híbridas Perpétuas – Obtidas através do cruzamento entre Bourbon e a rosa da China ou de Damasco, e muito populares no início do seculo XIX. Arbustos vigorosos, mais altos do que as restantes roseiras de canteiro, de flores remontantes e solitária ou em grupos de 3 (The Royal Horticultural Society, 2010). Posteriores a 1830.

Portland – De origens desconhecidas acusam a influência da rosa da China com a Damasco (Mattock, 1980). Não são muito altas, repetem a floração e apresentam folhagem com textura interessante. São fragrantes e bastante resistentes (Zimmerman, 2012). Posteriores a 1780.

Chá – Com origem em duas roseiras chinesas importadas para a Europa no seculo XIX e sujeitas a vários cruzamentos com as roseiras de Bourbon e Noisettes. A primeira roseira de Chá foi a Adam, introduzida em 1835. São arbustos e trepadeiras remontantes, com flores de gomos elegantes e pontiagudos que desenvolvem flores soltas de agradável fragrância (The Royal Horticultural Society, 2010). Posteriores a 1810.

Ayrshire – A R. arvensis produziu a certo ponto um pequeno grupo de "*ramblers"* de flores duplas e normalmente brancas. O nome deve-se ao facto de que a primeira R. arvensis de flores duplas foi supostamente encontrada em Ayrshire, na Escócia. Algumas são ainda hoje comercializadas, como a 'Bennett's Seedling' e a 'Venusta Pendula'. Ideais para serem utilizadas como cobertura de solo, controlando ervas e erosão. Como na maioria das "*ramblers"* as Ayrshire não necessitam de muitos cuidados, para além da remoção de hastes mortas (Zimmerman, 2012).

Noisette – Roseiras trepadeiras remontantes que suportam grandes cachos de flores fragrantes no verão-outono (The Royal Horticultural Society, 2010). As roseiras Noisette nasceram no início do séc. XIX nos EUA, pela mão do viveirista francês Philipe Noisette, através do cruzamento de uma roseira da China e uma roseira Moschata. Esta classe desenvolveu-se muito rapidamente durante todo o seculo XIX A grande vantagem desta espécie é as diversas fases de floração ao longo do ano. (Zimmerman, 1996) Posteriores a 1805.

Semprevirens – Roseiras trepadeiras que suportam inúmeras flores no final do verão, posteriores a 1820 (The Royal Horticultural Society, 2010).

Híbridos de Wichurana – Grupo formado pelas mais importantes roseiras trepadeiras, todas descendentes da Rosa Wichurana, do Japão, China, Coreia. Introduzida no Ocidente em 1859. Planta sarmentosa, normalmente rasteira, podendo ainda assim atingir seis metros de altura. Possui espinhos fortes e flores brancas que surgem em Junho ou Julho. No Outono produz frutos ovoides vermelho-escuros (Albuquerque, 2006).

Híbridos de Multiflora – Assim chamadas pelo elevado número de flores que produzem, estas roseiras são originária da Coreia e Japão. Trepadeiras muito populares na era vitoriana, apresentam flores pequenas, em largos cachos no início do verão. São uma classe bastante resistente a doenças (Albuquerque, 2006).

Híbridas Musgo – Vigorosas e remontantes, com folhagem abundante, fragrantes. Posteriores a 1910 (The Royal Horticultural Society, 2010).

2. Roseiras Modernas de Jardim

Segundo a Encyclopedia Royal Horticultural Society, as Roseiras Modernas de Jardim são:

- **Trepadeiras –** Arbustivas vigorosas e de hastes longas ideais para serem conduzidas. Posteriores a 1870. Existe uma enorme variedade de trepadeiras, algumas descendentes das verdadeiras espécies de trepadeiras, outras descendentes de Híbridos de Chá que terão sofrido mutações (Reis, 2010). Os caules destas plantas são espinhosos, flexíveis e espessos, ideais para serem tutorados, nos mais variados suportes.
- **Floribundas –** Talvez o segundo grupo mais popular, formado por roseiras pequenas e rusticas que começam a florir na Primavera terminando em Dezembro. Foram criadas com o objetivo de reunir numa espécie o perfume e a forma das Rosas Antigas com a robustez e a longa floração das modernas. Floração contínua excelente, em cachos, fragrantes. Posteriores a 1909.
- **Cobertura de solo –** Arbusto de hábito rastejante, fragrantes. Posteriores a 1919.
- **Hibridas de Chá –** Roseiras arbustivas com grandes botões centrados e altos. As flores, que podem surgir em variadas cores, são normalmente dobradas e perfumadas, podendo nascer solitárias ou em grupos de três. Posteriores a 1860.
- **Miniaturas –** Pequenas Hibridas de Chá e Floribundas, raramente fragrantes. Posteriores a 1920.
- **Pátio –** roseiras anãs de floração em cacho. Assemelham-se às floribundas, ou às de cobertura de solo, mas de aparência mais pequena. Pouco fragrantes. Posteriores a 1980.
- **Poliantas –** O nome significa "de muitas flores", derivam das *R. multiflora*. Arbustivas ou trepadeiras com grandes cachos de flores pequenas, maioritariamente brancas, rosa ou vermelho. Ligeiramente perfumadas. Posteriores a 1870.
- ***"Rambler" –*** Relativo ao porte. Terminologia inglesa (e adotada ao longo deste trabalho) para roseiras vigorosas com hastes longas e hábito de trepadeiras, embora sejam mais flexíveis do que estas, sendo mais fáceis de conduzir em suportes. Algumas são fragrantes e florescem no verão. Posteriores a 1890.
- **Rugosa –** Arbustos vigorosos aparentados com a *R. rugosa.* Identificáveis pelas suas pétalas enrugadas*,* normalmente com flores perfumadas brancas, rosa ou roxas. Posteriores a 1790.
- **Arbustivas** – Roseiras de crescimento e folhagem amplos, muito variadas em formas colorações, períodos de floração e fragrâncias. Posteriores a 1890.

  Nota: Este termo não é muito correto, uma vez que todas as roseiras são *arbustos*. No entanto neste caso aplica-se mais por apresentarem dimensões maiores que as roseiras de

canteiro. As rosas arbustivas são tipicamente plantadas fora do roseiral, misturadas com outras plantas em *mix border,* bermas ou dispersas pela paisagem. Porém, o nome deste grupo encontra-se hoje em dia descaracterizado uma vez que este acabou por se tornar a classe onde eram colocadas todas as variedades que não pertenciam a mais nenhuma classe (Zimmerman, 2007).

Anexo IV – Morfologia das Roseiras

1. Tipos de Flor

- **Número de Pétalas:** Dependendo do número de pétalas que apresentam, as rosas podem ser flores singelas, semi-dobradas, ou dobradas.

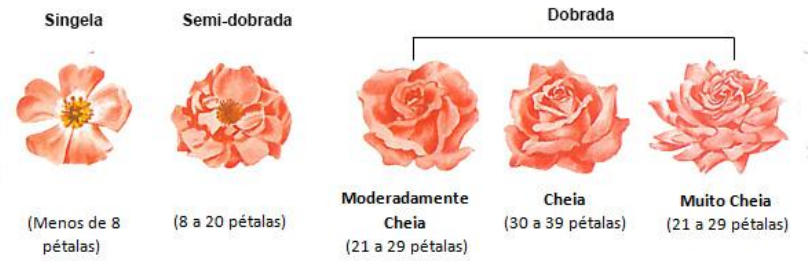


Figura 1 – Números de pétalas que as diferentes rosas podem apresentar. Adaptado de '*The Rose Expert*'.

- **Colorações das pétalas:** As roseiras podem apresentar floração das mais variadas cores, podendo esses tons surgir nos seguintes padrões, dependendo normalmente da variedade:



Figura 2 – Tipos de cores das Rosas. Adaptado de '*The Rose Expert*'.

- **Formas das flores:** O género Rosa apresenta flores com uma grande variedade de formas.

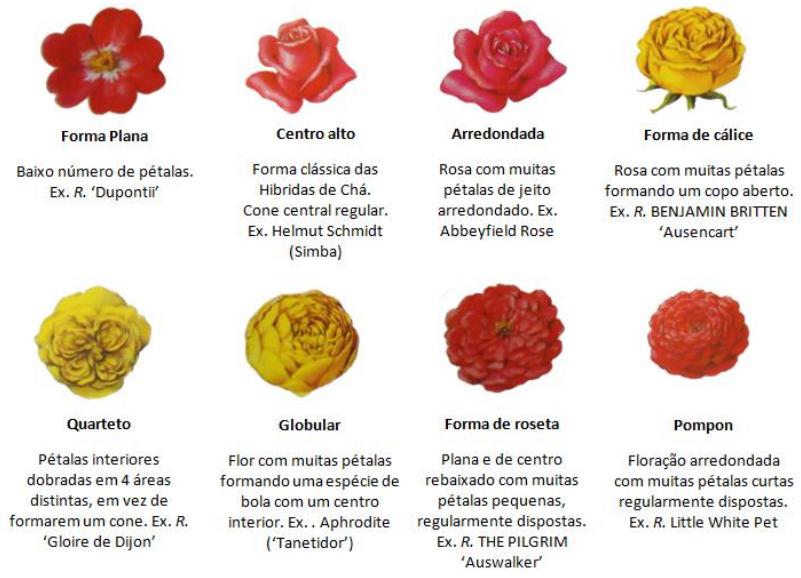


Figura 2 – Tipos de formas das Rosas. Adaptado de 'The Rose Expert'.

2. Tipos de Folhas e Frutos

As folhas podem apresentar bastante interesse estético, pelas diferentes cores que podem ter, como as folhas roxo-acinzentadas da R. glauca e verde-azuladas das Alba, ou das suas texturas, desde brilhantes, a mate, ou de aveludadas a rugosas (como a R. rugosa), (The Royal Horticultural Society, 2010).

A seguir à floração as cápsulas dos frutos, coloridas e carnudas, podem acrescentar algum valor estético às roseiras. Estes podem ser grandes ou pequenos, podem ser redondos ou mais alongados, vermelhos ou pretos, lisos ou espinhosos, (Hessayon, 1993).

Figura 3 – Quadro das principais doenças fúngicas das Roseiras. Adaptado de Aplicação das Roseiras na Arquitetura Paisagista, Reis, 2010.

Anexo V – Algumas das principais doenças fúngicas das Roseiras.

Doença	Fungo	Época	Condições de ataque	Combate Biológico
Ferrugem	*Phragmidium mucronatum* (Pers.) Schltdl.	Primavera/ Verão	Ambientes húmidos e ventosos; Dias quentes e noites frias	Extratos de amargoseira
Pintas pretas	*Diplocarpon rosae*	Verão	Ambientes quentes e húmidos; Chuvas frequentes no verão	Extratos de amargoseira; Bicarbonato de sódio; ajuste na rega
Oídio	*Sphaerotheca pannosa* (Wallr.)	Primavera/ Outono	Temperatura amena e humidade relativa elevada	Extratos de amargoseira; Bicarbonato de sódio; Enxofre; Ajuste na rega
Míldio	*Perenospora sparsa* (Berk.)	Primavera/ Verão	Ambientes quentes e muito húmidos	Ajuste na rega
Podridão cinzenta	*Botrytis cinerea* De Bary.	Primavera/ Verão	Humidade relativa elevada	-

Figura 4 - As doenças fúngicas mais comuns das roseiras. Adaptado de Reis, 2010.

Anexo VI – Susceptibilidade das variedades comerciais de *Buxus* à doença do míldio.

A partir da pesquisa de Ganci, Benson e Ivors, da Universidade Estatal da Carolina do Norte, 2012. (Miranda Ganci, D. M. Benson and K. L. Ivors, 2012)

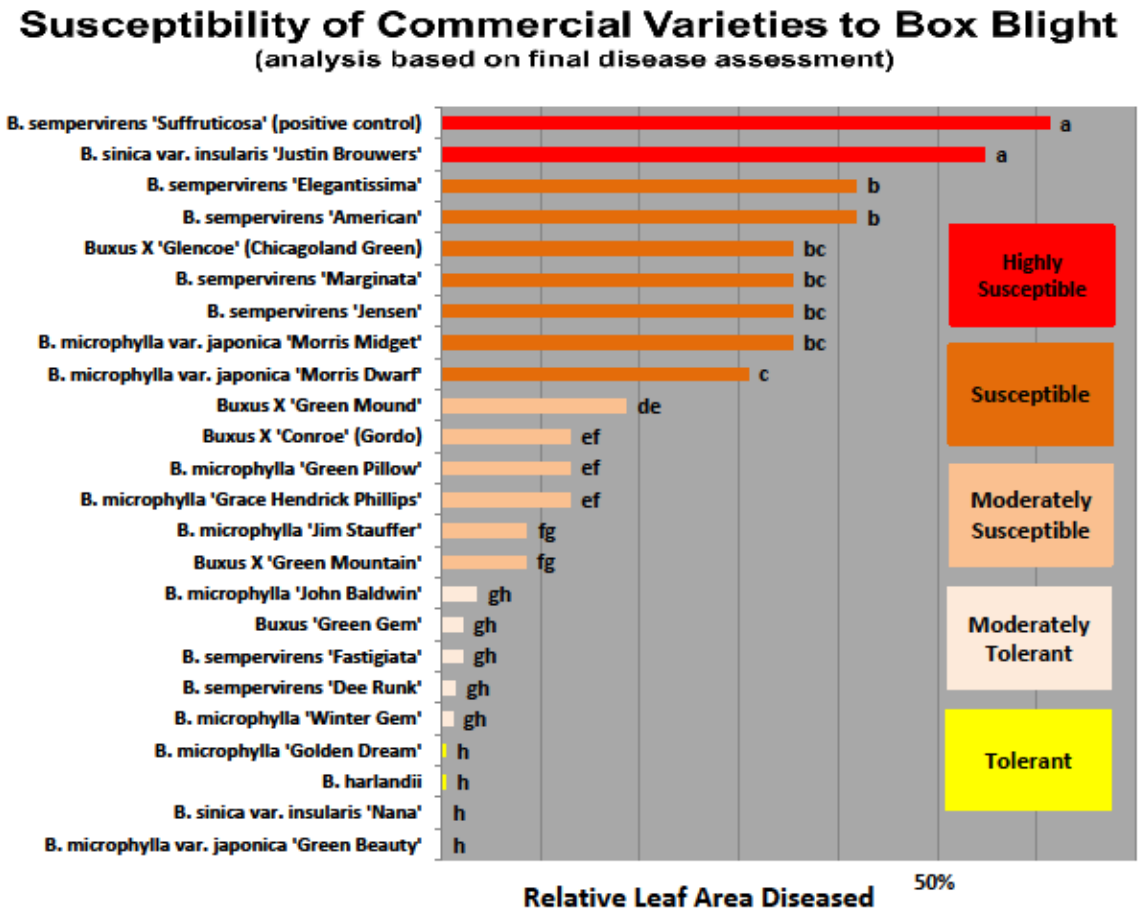
NC STATE UNIVERSITY

NC COOPERATIVE EXTENSION

Susceptibility of Commercial Boxwood Varieties to *Cylindrocladium buxicola*

Miranda Ganci, D. M. Benson and K. L. Ivors
Department of Plant Pathology, North Carolina State University

Susceptibility to box blight (*Cylindrocladium buxicola* = *Cylindrocladium pseudonaviculatum*) was evaluated for twenty three varieties of boxwood (*Buxus* spp.) at the Mountain Horticultural Crops Research and Extension Center in Mills River, NC during summer 2012. Disease assessments were performed based on a modified Horsfall-Barratt scale including percent leaf area diseased and percent stem streaking. The results shown below are based on the final disease assessment. Our results indicate a wide range in susceptibility of *Buxus* spp. to the boxwood blight pathogen; however *B. sempervirens* types were more susceptible in general (a 2011 publication reported 'Justin Brouwers' to actually fall within the *B. sempervirens* cluster). The varieties listed as tolerant had minimal lesion development caused by *C. buxicola*. It is important to note that some boxwood varieties are limited in their optimal plant hardiness zones; make sure to look up specific growing requirements for each variety before recommending them in your area.



Anexo VII – Calendário de manutenção

	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Plantar												
Podar												
Aplicar mulch												
Regar												
Dead-heading												
Fertilizar												
Aplicação de fitofármacos												
Remoção de ervas												
Preparação de novos canteiros												
Inspecionar existência de pragas												

Figura 5 – Calendário com as principais tarefas de manutenção a ter em conta num roseiral ao longo do ano.

Anexo VIII – Listagem das variedades anteriormente plantadas no Roseiral de Serralves

- Lista de variedades plantadas na pérgola a 7 de março de 1998. Arquivos do Parque de Serralves:

Variedade	Cor	Ano
Albertine	Rosa	1921
Adélaide d'Orleans	Creme	1839
New Dawn	Rosa	Anos 30
Félicité Perpétue	Crème	1827
Dorothy Perkins	Rosa claro	1902
Princess Louise	Rosa	1912
Paul's Scarlet Climber	Vermelha	1916
Souvenir de la Malmaison	Branca	1893
Étoile de Hollande	Carmim	1931
Windermere	Carmim	1932
Sander's White	Branca	1912
Albéric Barbier	Creme	1902

- Lista de variedades de Roseiras Antigas, plantadas em 1988/1889. Arquivos do Parque de Serralves:

Variedade	Cor	Ano
Mme Isaac Pereire purpura	Purpura	1881
Buff Beauty	Amarela	1939
Prosperity	Branca	1919
Fantin Latour	Rosa Claro	1900
Baron Giron de L'ain	Vermelha	1897
Louise Odier	Rosa	1851
Baronne Prevost	Rosa	1842
Rosa Mundi	Rosa raiado de branco	Séc. XII
Mme Isaac Pereire	Rosa	1881
Alba Maxima	Branca	Séc. XVI
Charles de Mills	Púrpura	?
Celestial	Rosa	?
Sarah Van Fleet	Rosa claro	1926
Souvenir de St. Annés	Rosa	1950
Rosa Gallica Velutinaeflora	Rosa	?

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

Anexo IX - Planta do levantamento da situação existente do Roseiral

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

- Roseiras
- Roseiras (exemplares com maior diâmetro de pé)
- Roseiras arbustivas
- Roseiras standard
- Roseiras trepadeiras e rambler
- Estruturas de ferro para trepadeiras e rambler

Roseiral de Serralves

Plano da Situação Existente

1/250

Ana Luísa Ribeiro Fernandes Biscaia Gonzalez

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

Anexo X - Plano Geral da Proposta

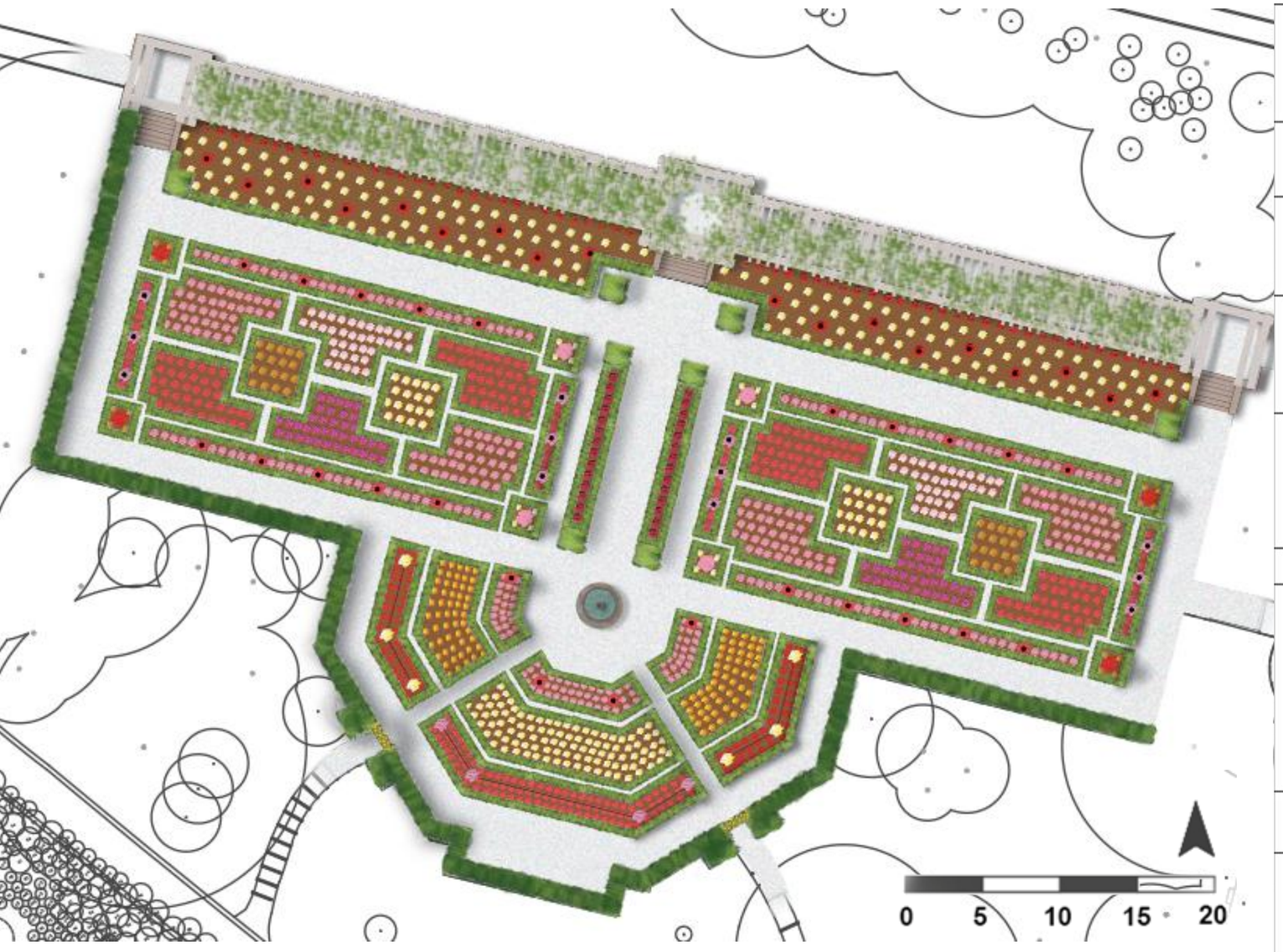


Roseiral do Parque de Serralves

Plano Geral da Proposta de Recuperação

Ana Luísa Ribeiro Fernandes Biscaia Gonzalez

Anexo XI – Plano de Manutenção



Floribundas recem plantadas devem ser podadas 10 a 15 cm desde o solo, e Hibridas de Chá 15 cm. A partir daí podar moderadamente Hibridas de Chá e Floribundas removendo as hastes em cerca de metade do seu comprimento.	Remover regularmente as flores mortas das roseiras, cortando a flor ou cacho inteiros na haste, a partir da segunda folha de baixo da flor. Não remover as flores mortas das variedades de roseiras não remontantes. As limpezas e podas devem ser efetuadas quando as rosas estão dormentes, no outono , por volta de novembro, ou no início da primavera, em março. Regar as roseiras abundantemente no final da primavera e no verão. Regar profundamente e nunca regar frequentemente e em pouca quantidade. Cada roseira (incluindo as *standard*) deve ser regada com cerca de 3 l de água, e as trepadeiras até 10 l. A fertilização deve ser feita mensalmente desde Abril até ao final de Julho, aplicando-se o produto diluido ou um fertilizante solúvel através de um recipiente com mangueira. Remover todos os 'ramos-ladrão' diretamente a partir da raiz. Inspecionar existência de pragas ou doenças. Utilizar fitofármacos adequados à prevenção ou controlo.
Os exemplares recem plantados não necessitam de poda. Podar levemente os exemplares já estabelecidos, removendo hastes doentes ou cruzadas e atribuindo forma à planta	
Standards de Hibridas de Chá e Floribundas recem plantados devem ser podados em cerca de 20 cm a partir do solo. A partir daí podar moderadamente para garantir a forma da planta.	
Não podar as trepadeiras recem-plantadas. Nos exemplares já estabelecidos remover apenas a madeira morta. Rebentos murchos devem ser removidos e os ramos laterais de madeira que já tenha dado flor devem ser podados cerca de 7cm a partir da haste principal.	
As ramblers podem ser podadas apenas ligeiramente, removendo-se apenas as hastes e flores doentes ou cruzadas, ou podem também podar-se no outono as hastes que floresceram, à altura do solo e amarrar as hastes que nasçam no próximo ano a estruturas adequadas.	
Sebe de ligustro deverá ser podada duas vezes ao ano, no início da primavera e novamente no verão.	
Cenário 1. Remover partes doentes da planta e varrer ou aspirar todas as folhas caídas. Em caso de haver folhas misturadas com o solo, remover uma camada de solo de 20 cm de profundidade. O material removido deve ser queimado ou levado para aterro sanitário e os instrumentos utilizados devem ser esterilizados. Realizar aplicações regulares de um fungicida homologado e permitido perante o estatuto de Serralves enquanto Parque com acesso público. **Cenário 2**. Para além das práticas culturais referidas no cenário 1, poderá optar-se pela substituição do buxo por outra variedade. Caso se opte por introduzir outra espécie do género *Buxus*, e se esta não for "totalmente" resistente à doença, será necessário proteger as cultivares com aplicações repetidas de fungicidas preventivos, homologados e respeitantes do estatuto ambiental do Parque.	
Repor camada de gravilha sempre que se verifique necessário. O novo material deverá possuir as características de cor e granulometria idênticas às que se verificam atualmente.	
Após a poda na primavera, espalhar uma mão cheia de fertilizante (20 a 50g) em volta de cada roseira. Em finais de Abril e inícios de Maio deve ser aplicada uma camada de mulch de cerca de 5 a 8cm. Como este roseiral teve roseiras cultivadas durante muitos anos e provavelmente sofrerá da 'Doença das Rosieras', recomenda-se a remoção do solo atual cavando um buraco de 60 cm de diâmtero e 40 de profundidade para cada novo exemplar. Posteriormente tapar a cova com bastante matéria orgânica e solo novo.	

Roseiral do Parque de Serralves

Plano da Manutenção Proposta

Ana Luísa Ribeiro Fernandes Biscaia Gonzalez

Anexo XII – Listagem de Variedades Propostas para a replantação do Roseiral de Serralves

Rosa	Família	Tipo de Crescimento	Ano	Cor	Perfume	Altura	Floração	Resistencia a Doenças	Raridade	Tolerância à Sombra	Comentários	Catálogos
Ophelia	Hibrida de Chá	Arbusto	1912	Rosa Claro	(9/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin; referida no livro "Revue Horticole" 1930-1931
Alberic Barbier	Wichurana ramblers	Rambler	1900	Creme	(6/10)	450 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	Plantada na Pérgola em 98; Flores em cachos; Exposição Horticola Paris 1930	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; Referida no livro "Revue Horticole" 1930-1931
Albertine	Wichurana ramblers	Rambler	1921	Rosa Claro	(8/10)	450 cm	Verão	Não muito resistente a doenças	–		Plantada na Pérgola em 98	Peter Beales
American Pillar	Wichurana ramblers	Rambler	1909	Rosa	(2/10)	450 cm	Verão	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	Flores singelas em cachos, cor de rosa com centro branco	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Angèle Pernet	Hibrida de Chá	Arbusto	1924	Laranja Avermelhado	(7/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○		Única na coleção de Peter Beales	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Annie Brandt	Hibrida de Chá	Arbusto	1931	Rosa Salmão creme	(5/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Novidades de 1934 Real Companhia Horticola; Medalha de ouro no Concurso de Saverne	Real Companhia Horticola 1937
Aspirant Marcel Rouyer	Hibrida de Chá	Arbusto	1919	Damasco	(6/10)	–	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
August Noack	Hibrida de Chá	Climber	1935	Vermelho	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Barcelona	Hibrida de Chá	Arbusto	1931	Vermelho Escuro	(5/10)	70 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Novidades de 1933	Real Companhia Horticola 1937
Baron Girod de l'Ain	Hibridas Perpétuas	Arbusto	1897	Vermelho (bi-color)	(8/10)	120 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Belle Portuguaise	Giganteas	Climber	1900	Rosa Claro	(6/10)	240 cm	Verão	Resistencia média	○	Não muito resistente	Floresce muito cedo	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Betty Uprichard	Hibrida de Chá	Arbusto	1922	Rosa Salmão	(8/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Bleu Magenta	Multifloras	Rambler	1900	Violeta	(5/10)	350 cm	Verão	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	Vigorosa e rústica	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Briarcliff	Hibrida de Chá	Arbusto	1927	Rosa	(4/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Caledonia	Hibrida de Chá	Climber	1936	Branco	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Cameo	Poliantas e Floribundas Antigas	Arbusto	1932	Rosa Claro	(2/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○	Tolera alguma sombra	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Captain Christy	Hibrida de Chá	Climber	1881	Rosa Claro	(7/10)	360 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Captain Hayward	Hibridas Perpétuas	Arbusto	1893	Vermelho	(4/10)	240 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Captain Kilbee Stuart	Hibrida de Chá	Arbusto	1922	Vermelho	(8/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Cardinal Mercier	Hibrida de Chá	Arbusto	1930	Rosa Salmão	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		Medalha de ouro em Saverne	Real Companhia Horticola 1937

Rosa	Família	Tipo de Crescimento	Ano	Cor	Perfume	Altura	Floração	Resistencia a Doenças	Raridade	Tolerância à Sombra	Comentários	Catálogos
Cardinal Mercier	Hibrida de Chá	Arbusto	1930	Rosa Salmão	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		Medalha de ouro em Saverne	Real Companhia Horticola 1937
Catherine Kordes	Hibrida de Chá	Arbusto	1928	Rosa Escuro	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Cécile Brunner	Chinas	Arbusto	1881	Rosa Claro	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Cécile Brunner Climber (Sta Terezinha)	Climbers	Climber	1904	Rosa Claro	(5/10)	600 cm	Verão	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	Flores miúdas em cachos	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Chaplin's Pink	Wichurana ramblers	Rambler	1928	Rosa	(3/10)	450 cm	Verão	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Château de Clos Vougeot	Hibrida de Chá	Climber	1920	Vermelho Escuro	(8/10)	450 cm	Verão	Resistencia média	○		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Climbing Lady Hillingdon	Chá	Climber	1917	Amarelo	(9/10)	450 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Climbing Mme. Édouord Herriot	Hibrida de Chá	Climber	1921	Coral	(8/10)	450 cm	Primavera/Verão	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Climbing Paul Lédé	Hibrida de Chá	Climber	1913	Rosa Salmão	(9/10)	360 cm	Verão	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Comtesse de Castilleja	Hibrida de Chá	Arbusto	1926	Laranja Avermelhado	(8/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Comtesse Vandal	Hibrida de Chá	Arbusto	1936	Rosa Salmão	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Novidades de 1933; única na coleção de Peter Beales	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Condesa de Sastago	Hibrida de Chá	Arbusto	1930	Rosa com amarelo	(5/10)	120 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Novidades de 1934 Real Companhia Horticola; Certificado de Bagatelle em 1932	Real Companhia Horticola 1937
Constance Casson	Hibrida de Chá	Arbusto	1920	Vermelho	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Crimson Glory	Hibrida de Chá	Arbusto	1935	Vermelho	(9/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
D. Angélica Pereira da Rosa			1936	Rosa Salmão	(8/10)						Roseiras Portuguesas da Época	Real Companhia Horticola 1937;
D. Laura Pinto de Azevedo			1936	Vermelho coral			Floração Remontante				Roseiras Portuguesas da Época; Uma das melhores rosas de Outono	Real Companhia Horticola 1937;
D. Maria Antónia Pacheco			1935	Rosa Púrpura							Roseiras Portuguesas da Época	Real Companhia Horticola 1937;
Dame Edith Helen	Hibrida de Chá	Arbusto	1926	Carmim	(8/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin

O – Variedades raras.

Rosa	Família	Tipo de Crescimento	Ano	Cor	Perfume	Altura	Floração	Resistencia a Doenças	Raridade	Tolerância à Sombra	Comentários	Catálogos
Dorothy Perkins	Wichurana ramblers	Rambler	1902	Rosa	(3/10)	300 cm	Verão	Não muito resistente a doenças	○	Não muito resistente	Plantada na Pérgola em 98; Vigorosas, flores em cachos	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Echo	Poliantas	Arbusto	1914	Rosa Claro	(5/10)	60 cm	Remontante	Resistencia média	–	Não muito resistente	Roseira polianta anã	Real Companhia Horticola 1937; Referida no livro "Revue Horticole" de 1930-1931 p. 150
Edith Krause	Hibrida de Chá	Arbusto	1930	Creme	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Edith Nellie Perkins	Hibrida de Chá	Arbusto	1928	Rosa Salmão	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		Nervação pronunciada	Real Companhia Horticola 1938
Emma Wright	Hibrida de Chá	Arbusto	1917	Rosa Salmão	(0/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; David Austin
Etoile de Feu	Hibrida de Chá	Arbusto	1921	Vermelho Salmão	(8/10)	60 cm	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Etoile de Hollande	Hibrida de Chá	Arbusto	1919	Vermelho	(9/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Etoile de Hollande Cl.	Hibrida de Chá	Climber	1931	Carmim	(9/10)	350 cm	Verão	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Eva	Hibrida de Musgo	Climbing	1933	Rosa Escuro com centro branco	(7/10)	185 cm	Floração Remontante	Muito resistentes	–	Tolera alguma sombra	Novidades de 1935 Real Companhia Horticola	Real Companhia Horticola 1937
Excelsa	Wichurana ramblers	Rambler ou standard	1909	Vermelho coral	(2/10)	450 cm	Verão	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	Exposição Horticola Paris 1930	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; Referida no livro "Revue Horticole" 1930-1931 p.131
Federico Cassas	Hibrida de Chá	Arbusto	1931	Rosa com amarelo	(0/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Feu Joseph Looymans	Hibrida de Chá	Arbusto	1921	Amarelo com centro Damasco	(4/10)	–	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Florence L. Izzard	Hibrida de Chá	Arbusto	1923	Amarelo	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Frau Karl Druchid (Reine des Neiges)	Hibridas Perpétuas	Arbusto	1901	Branco	(0/10)	150 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Géneral Galliéni	Chá	Arbusto	1899	Vermelho	(6/10)	90 cm	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Général Mac Arthur	Hibrida de Chá	Climber	1923	Vermelho	(8/10)	450 cm	Verão	Resistencia média	○		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Gladys Holland	Hibrida de Chá	Arbusto	1917	Rosa Claro	(6/10)	–	Floração Remontante	–	–		Golden Medal Special Exhibition of New Roses Royal Horticultural Hall, 1916	Real Companhia Horticola 1937
Gloire de Hollande	Hibrida de Chá	Arbusto	1919	Vermelho Escuro	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Não muito resistente	Exposição Horticola de Paris 1930	Real Companhia Horticola 1937; Anunciada como nova variedade comercializada no livro "Revue Horticole" de 1930-1931 p. 131

O – Variedades raras.

Rosa	Família	Tipo de Crescimento	Ano	Cor	Perfume	Altura	Floração	Resistencia a Doenças	Raridade	Tolerância à Sombra	Comentários	Catálogos
Gloria Mundi	Poliantas e Floribundas Antigas	Arbusto	1929	Vermelho	(2/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○	Tolera alguma sombra	Exposição Horticola de Paris 1930	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin; referida no livro "Revue Horticole" 1930-1931
Golden Dawn	Hibrida de Chá	Climbing	1937	Amarelo	(8/10)	360 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Peter Beales
Golden Emblem	Hibrida de Chá	Arbusto	1916	Amarelo	(4/10)	–	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Golden Moss	Moss	Arbusto	1933	Amarelo	(7/10)	150 cm	Floração Remontante	Não muito resistente a doenças	○		Única na coleção de Peter Beales; Novidades de 1935 Real Companhia Horticola	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Golden Ophelia	Hibrida de Chá	Arbusto	1918	Amarelo	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Exposição Horticola Paris 1930	Real Companhia Horticola 1937; referida no livro "Revue Horticole" 1930-1931
Gruss Coburg	Hibrida de Chá	Arbusto	1927	Amarelo	(8/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Hadley	Hibrida de Chá	Arbusto	1914	Vermelho Escuro	(8/10)	–	Floração Remontante	–	–		Exposição Horticola Paris 1930	Real Companhia Horticola 1937; referida no livro "Revue Horticole" 1930-1931
Henry Nevard	Hibrida Perpétua	Arbusto	1924	Vermelho	(8/10)	120 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Hiawatha	Wichurana ramblers	Rambler	1904	Rosa Escuro	(2/10)	450 cm	Verão	Resistencia média	○	Tolera alguma sombra	Roseira de toucar; Única na coleção de Peter Beales	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Hilda	Hibrida de Chá	Arbusto	1928	Carmim	(5/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1938
Hortulanus Budde	Hibrida de Chá	Arbusto	1919	Vermelho	(6/10)	–	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Hugh Dickson	Hibridas Perpétuas	Arbusto	1905	Vermelho Escuro	(7/10)	240 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Jan Abbing	Hibrida de Chá	Arbusto	1933	Rosa Salmão	(4/10)	75 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Novidades de 1934 Real Companhia Horticola	Real Companhia Horticola 1937
Jean C. N. Forestier	Hibrida de Chá	Arbusto	1919	Carmim	(8/10)	100 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Joanna Hill	Hibrida de Chá	Arbusto	1928	Amarelo	(5/10)	120 cm	Floração Remontante	Não muito resistente	○		Única na coleção de Peter Beales	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
João Pereira da Rosa			1936	Vermelho coral	(8/10)						Roseiras Portuguesas da Época	Real Companhia Horticola 1937;
Jules Gaujard	Hibrida de Chá	Arbusto	1928	Vermelho	(8/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Julien Potin	Hibrida de Chá	Arbusto	1927	Amarelo	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Kardinal Piffl	Hibrida de Chá	Arbusto	1925	Laranja Avermelhado	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
La France	Hibrida de Chá	Arbusto	1867	Rosa Claro	(9/10)	120 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin

O – Variedades raras.

Rosa	Família	Tipo de Crescimento	Ano	Cor	Perfume	Altura	Floração	Resistencia a Doenças	Raridade	Tolerância à Sombra	Comentários	Catálogos
Lady Forteviot	Hibrida de Chá	Arbusto	1926	Damasco	(9/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Lady Godiva	Wichurana ramblers	Climbing	1909	Rosa Claro	(5/10)	300 a 900 cm	Primavera/Verão	Resistencia média	–		Exposição Horticola de Paris 1931	Real Companhia Horticola 1937; Referida no livro "Revue Horticole" de 1930-1931 p. 131
Lady Helen Maglona	Hibrida de Chá	Arbusto	1926	Carmim	(8/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Laurent Carle	Hibrida de Chá	Arbusto	1907	Carmim	(4/10)	–	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Lord Rossmore	Hibrida de Chá	Arbusto	1931	Rosa Claro	(8/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Madame Butterfly	Hibrida de Chá	Arbusto	1937	Rosa Claro	(8/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Madame Henry Queuille	Hibrida de Chá	Arbusto	1928	Vermelho coral	(8/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Madame Nicolas Aussel	Hibrida de Chá	Arbusto	1930	Rosa Salmão	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Madame Pierre duPont	Hibrida de Chá	Arbusto	1929	Amarelo	(9/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Marcia Stanhope	Hibrida de Chá	Arbusto	1922	Branco	(8/10)	60 a 80cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Maréchal Niel	Climbers	Climbers	1864	Amarelo	(6/10)	450 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Não muito resistente	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Margaret McGredy	Hibrida de Chá	Arbusto	1927	Laranja Avermelhado	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Margaritte Guillard	Hibridas Perpétuas	Arbusto	1915	Branco	(6/10)	150 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Maud Cuming	Hibrida de Chá	Arbusto	1923	Pessego	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Max Krause	Hibrida de Chá	Arbusto	1930	Amarelo	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
McGredy's Sunset	Hibrida de Chá	Arbusto	1936	Amarelo	(4/10)	75 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○		–	Peter Beales; David Austin
McGredy's Yellow	Hibrida de Chá	Arbusto	1934	Amarelo	(2/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Novidades de 1934 Real Companhia Horticola	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Mme Abel Chatenay	Hibrida de Chá	Arbusto	1895	Rosa	(7/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Mme Alexandre Dreux	Hibrida de Chá	Arbusto	1921	Carmim	(4/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Mme Butterfly	Hibrida de Chá	Arbusto	1918	Rosa Claro	(8/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Não muito resistente	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Mme Henri Paté	Hibrida de Chá	Arbusto	1929	Amarelo	(8/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1938
Mme Pierre S. du Pond	Hibrida de Chá	Arbusto	1929	Amarelo	(9/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Não muito resistente	Medalha de ouro em Bagatelle	Real Companhia Horticola 1937; Referida no livro "Revue Horticole" de 1930-1931 p. 102
Mme Segond Weber	Hibrida de Chá	Arbusto	1925	Rosa Salmão	(6/10)	90 cm	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937

O – Variedades raras.

Rosa	Família	Tipo de Crescimento	Ano	Cor	Perfume	Altura	Floração	Resistencia a Doenças	Raridade	Tolerância à Sombra	Comentários	Catálogos
Mrs. Henry Morse	Hibrida de Chá	Arbusto	1919	Rosa	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Mrs. John Laing	Hibridas Perpétuas	Arbusto	1887	Rosa	(9/10)	120 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Mrs. Joseph H. Welch	Hibrida de Chá	Arbusto	1911	Rosa	(4/10)	–	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Mrs. Sam. McGredy	Hibrida de Chá	Climber	1937	Damasco	(6/10)	600 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Mrs. W.Christie Miller	Hibrida de Chá	Arbusto	1909	Rosa	(8/10)	60 cm	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Mrs. Wallace H. Rowe	Hibrida de Chá	Arbusto	1912	Purpura	–	–	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
New Dawn	Hibrida de Chá	Climber	1930	Rosa Claro	(6/10)	300 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Plantada na Pérgola em 98	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Astin
Normand Lambert	Hibrida de Chá	Arbusto	1926	Rosa Salmão	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Ophelia Cl	Hibrida de Chá	Climber	1920	Rosa	(9/10)	450 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Paul Crampel	Poliantas e Floribundas Antigas	Arbusto	1930	Vermelho coral	(3/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○	Tolera alguma sombra	Novidades de 1936 Real Companhia Horticola	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Paul Neyron	Hibridas Perpétuas	Arbusto	1867	Rosa	(7/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Paul's Scarlet Climber	Rambler	Climber	1916	Vermelho	(3/10)	300 cm	Verão	Resistencia média	–		Exposição Horticola de Paris 1930	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin; referida no livro "Revue Horticole" 1930-1931
Peace or Mme Meilland	Hibrida de Chá	Arbusto	1945	Amarelo com rosa	(6/10)	120 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Pedro Veyrat	Hibrida de Chá	Arbusto	1933	Rosa Salmão	(5/10)	–	Floração Remontante	Reesistencia média	–		Novidades de 1933	Real Companhia Horticola 1937
Picture	Hibrida de Chá	Arbusto	1932	Rosa	(5/10)	91 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Novidades de 1933	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Polly	Hibrida de Chá	Arbusto	1927	Creme	(9/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○		Novidades de 1933	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
President Charles Hain	Hibrida de Chá	Arbusto	1932	Amarelo	(5/10)	–	Verão	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
President Herbert Hoover	Hibrida de Chá	Arbusto	1930	Rosa Salmão	(7/10)	120 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Única na coleção de Peter Beales	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Presidente Carmona			1937	Vermelho	(8/10)						Roseiras Portuguesas da Época	Real Companhia Horticola 1937;
Pride of Reigate	Hibridas Perpétuas	Arbusto	1884	Rosa (bi-color)	(6/10)	120 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Prof. Bento Carqueja			1936	Rosa-pêssego manchada							Roseiras Portuguesas da Época;Homenagem de MAS & Filhos, Lda ao saudoso Director de "O Comércio do Porto"	Real Companhia Horticola 1937;
Reine Marie Henriette	Hibrida de Chá	Climber	1878	Rosa Escuro	(6/10)	350 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○	Não muito resistente	Única na coleção de Peter Beales	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales

O – Variedades raras.

Rosa	Família	Tipo de Crescimento	Ano	Cor	Perfume	Altura	Floração	Resistencia a Doenças	Raridade	Tolerância à Sombra	Comentários	Catálogos
Rev. Page Roberts	Hibrida de Chá	Arbusto	1937	Amarelo	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Rose Berckley (Rose Berkeley)	Hibrida de Chá	Arbusto	1919	Rosa Salmão	(4/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Sander's White	Wichurana ramblers	Rambler	1912	Creme	(7/10)	400 cm	Verão	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	Plantada na Pérgola em 98	Peter Beales
Saudade de Anibal de Morais			1935	Rosa Púrpura	(8/10)						Roseiras Portuguesas da Época	Real Companhia Horticola 1937;
Shot Silk	Hibrida de Chá	Arbusto	1924	Rosa	(7/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○		Novidades de 1933	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Soeur Thérese	Hibrida de Chá	Arbusto	1931	Amarelo	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Souvenir de Claudius Pernet	Hibrida de Chá	Arbusto	1920	Amarelo	(4/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		AMS: "Uma das mais belas rosas amarelas"	Real Companhia Horticola 1937
Souvenir de George Beckwith	Hibrida de Chá	Arbusto	1919	Vermelho	(5/10)	–	Floração Remontante	–	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Souvenir de Georges Pernet	Hibrida de Chá	Arbusto	1937	Vermelho	(8/10)	90 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Souvenir de Gilbert Nabonnand	Chá	Arbusto	1920	Rosa	(9/10)	200 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		Referida por Charles Quest-Ritson, na sua video-conferencia "Mediterranean Plants and Gardens"	
Souvenir de la Malmaison Climber	Bourbon	Climbers	1893	Rosa Claro	(9/10)	360 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–	Não muito resistente	Plantada na Pérgola em 98	Peter Beales
Souvenir de Pierre Guillot	Hibrida de Chá	Arbusto	1927	Vermelho coral	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1938
Talisman	Hibrida de Chá	Arbusto	1929	Rosa com amarelo	(5/10)	90 cm	Floração Remontante	Não muito resistente	○		Única na coleção de Peter Beales	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
Talisman (Cl)	Hibrida de Chá	Climbing	1930	Rosa com amarelo	(5/10)	300 cm	Floração Remontante	Não muito resistente a doenças	○		Única na coleção de Peter Beales; Novidades de 1936 Real Companhia Horticola	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales
The Fairy	Poliantas e Floribundas Antigas	Arbusto	1932	Rosa	(2/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Thelma	Wichurana ramblers	Rambler	1927	Rosa Claro	(5/10)	350 cm	Floração Remontante	Resistencia média	○	Tolera alguma sombra	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Trigo	Hibrida de Chá	Arbusto	1931	Amarelo	(8/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Ulrich Brunner Fils	Hibridas Perpétuas	Arbusto	1882	Vermelho	(6/10)	120 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales

O – Variedades raras.

Rosa	Família	Tipo de Crescimento	Ano	Cor	Perfume	Altura	Floração	Resistencia a Doenças	Raridade	Tolerância à Sombra	Comentários	Catálogos
Una Wallace	Hibrida de Chá	Arbusto	1921	Rosa Escuro	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Ville de Paris	Hibrida de Chá	Arbusto	1925	Amarelo	(7/10)	90 cm	Floração Remontante	–	–		Eleita a rosa amarela mais importante no concurso de Bagatelle, 1925	Real Companhia Horticola 1937
Violet Wilton	Hibrida de Chá	Arbusto	1930	Rosa Púrpura	(4/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937
Violette	Wichurana ramblers	Rambler	1910	Violeta	(2/10)	451 cm	Verão	Resistencia média	–	Tolera alguma sombra	–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
White Ophelia	Hibrida de Chá	Arbusto	1920	Branco	(9/10)	60 cm	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937; Peter Beales; David Austin
Windermere	Wichurana ramblers	Rambler	1932	Carmim	(6/10)	450 cm	Verão	Resistencia média	○	Não muito resistente	Plantada na Pérgola em 98; única na coleção de Peter Beales	Peter Beales
Windsor	Hibrida de Chá	Arbusto	1929	Rosa com amarelo	(5/10)	–	Floração Remontante	Resistencia média	–		–	Real Companhia Horticola 1937

O – Variedades raras.